Revista LiteraLivre ©

Ano 01 - Edição: 06 - Novembro de 2017

Literatura com Liberdade



Ano 01 - Edição 06 - novembro de 2017

Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe**:** Ana Rosenrot

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Eni Ilis – Campinas/SP

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.



Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Editorial

Como o tempo passou rápido este ano, não é mesmo? Já estamos em novembro e chegou a 6ª edição da revista, a última de 2017. Mas quero anunciar aos leitores e principalmente aos amigos que participaram das edições anteriores, que eu tenho uma surpresinha para vocês: a edição especial "Os Melhores do Ano da Revista LiteraLivre", que será lançada no final de dezembro e trará uma seleção com os melhores trabalhos de 2017, portanto, fiquem atentos e aguardem o lançamento.

Nossa revista vem recheada de textos incríveis exaltando a beleza e a versatilidade da Língua Portuguesa, trabalhos artísticos lindos, já começando pela nossa capa, desenhada pela Eni e temos também uma linda foto autoral do Gerson; o nosso Artista do Mês "Bram Stocker"; o Haikai Engraçadinho e um projeto que eu gostaria que conhecessem: o "Projeto Latinidade Solidária na Comunidade da Maré no Rio de Janeiro", uma iniciativa muito importante que tem o apoio do cantor internacional "Enrique Iglesias".

E Para fechar com chave de ouro prestigiem estes dois lançamentos em e-book imperdíveis, para leitura e download grátis: as Coletâneas "Antologia Poética Wolny 2017" e "A Arte do Terror - História".

Agradeço aos autores, leitores e assinantes por estarem conosco em cada passo de nossa trajetória!! Ótima leitura!!

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste número

Enviem seus trabalhos para a edição de aniversário!!
Quem já participou, pode participar novamente!
A participação é gratuita!!
Não se esqueçam de assinar a revista no site!

Envie seu trabalho para:

revistaliteralivre@yahoo.com

Foto

Gerson Machado de Avilez

Rio de Janeiro/RJ

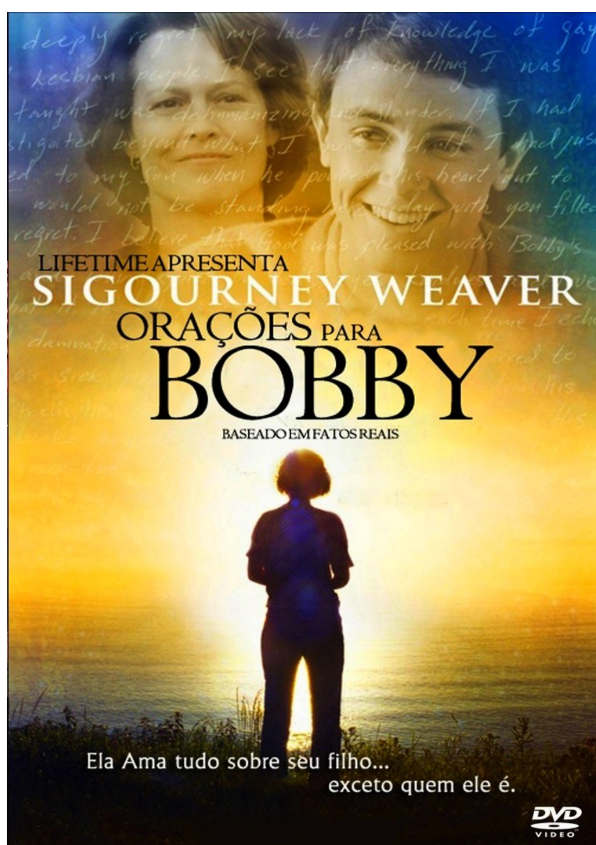


Sabiá

www.gersonavillez.jimdo.com

Coluna CULTíssimo





Você acredita que a ignorância, o preconceito e a intolerância religiosa podem destruir vidas ?

A história de Bobby Griffith, um rapaz estudioso e gentil, nascido numa família presbiteriana tradicional, que teve a vida e as esperanças arruinadas após sua família descobrir que ele é gay, prova que sim.

Esse é o ponto de partida para o filme *"Orações para Bobby"* ou *"Rezando para Bobby" (Prayers for Bobby, EUA, 2009)*, baseado na história real de um rapaz que sofreu todo tipo de pressão por ser homossexual e suportou, devido ao fanatismo religioso de sua mãe Mary, quase quatro anos de tratamentos com psicólogos, intervenções familiares e religiosas,

bullying dos colegas e a perseguição da mãe, que o tratava como uma aberração e tentava de tudo para "curá-lo" de sua "doença", por algum tempo, Bobby se esforça para abandonar sua "escolha", cedendo às loucuras de sua mãe, mas como não consegue, ele abandona os estudos e se muda para Portland. Mesmo trabalhando e vivendo de forma independente, Bobby não suporta o desprezo de sua mãe, a exclusão e sua autorrejeição e comete suicídio, pulando de um viaduto sobre uma autoestrada aos 20 anos de idade. Mary, inconformada, procura respostas e após encontrar o diário de Bobby e buscar entendimento fora de sua redoma religiosa, torna-se ativista dos direitos dos homossexuais.



Dirigido por *Russell Mulcahy (Highlander I e II)* e exibido na TV pelo Canal Lifetime, é um filme obrigatório não somente para quem tem filhos ou familiares LGBT, mas para todos os públicos, por trazer, além de uma mensagem de aceitação, esclarecimento e um convite à reflexão. Com fotografia, planos e montagem simples, é um filme focado totalmente nas emoções, com *Ryan Kelley* atuando muito bem no papel de Bobby e *Sigourney Weaver* completamente perfeita, dando um show como Mary Griffith.



Os fatos que inspiraram este filme ocorreram nos anos 80, mas com toda

a certeza o mesmo está acontecendo atualmente em milhares de lares pelo mundo, onde jovens são humilhados e perseguidos por sua orientação e sem o apoio dos pais, mães ou familiares, único pilar que conhecem, acabam cometendo suicídio. Milhares de vidas são perdidas todos os anos pelo fanatismo, a discriminação e a incompreensão da família e da sociedade. O sofrimento de Bobby representa a realidade de toda a comunidade LGBTQ, que sofre diariamente com a lgbtfobia, seja sutilmente, através de piadinhas cruéis e olhares atravessados, ou gravemente, através de agressão física, estupro e até assassinato. Um filme forte, corajoso e sensível, para aprender, chorar, refletir e compreender a grandeza existente em todas as "diferenças".

"A única coisa que devemos curar é o ódio, a intolerância, o preconceito e a falta de amor ao próximo."

Para terminar, gostaria de agradecer o carinho dos leitores e pedir que todos lessem o depoimento inspirador feito por Mary Griffith durante uma reunião do conselho sobre a celebração de um dia para a liberdade gay na cidade de Walnut Creek:



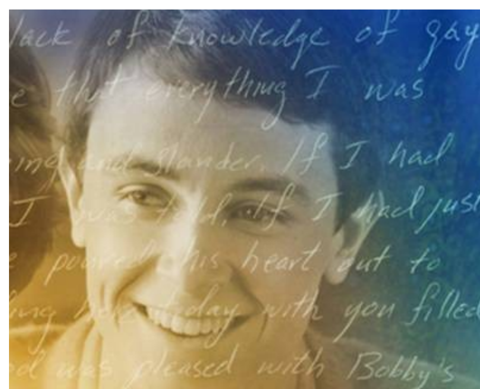
"Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua

doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.

Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou alem de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o corrimão de um viaduto e pulasse diretamente no caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra "gay".

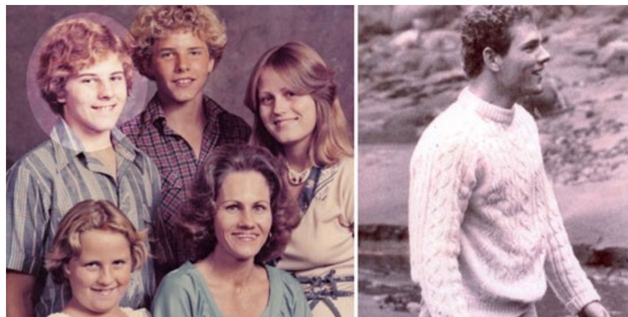
Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram. Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam 'amém'. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra 'gay' silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar 'Amém' na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo." (Mary Griffith)



Sinopse: Orações Para Bobby ou *"Rezando para Bobby" (Prayers for Bobby, EUA, 2009),* conta a história de *Mary (Sigourney Weaver)*, uma mulher religiosa que segue à risca as doutrinas da Igreja Presbiteriana. Quando seu filho Bobby (Ryan Kelley) revela ser gay, ela passa a submetê-lo a terapias e ritos religiosos com o intuito de "curá-lo". No entanto, Bobby não suporta a pressão e se atira de uma ponte, cometendo suicídio aos vinte anos de idade. Depois desse fato, Mary descobre um diário do garoto e passa a conhecer melhor o mundo dos homossexuais e também outras interpretações da bíblia, tornando-se uma ativista dos direitos dos homossexuais. Baseado em uma história real.

Gênero: Drama

Classificação: 14 anos





Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot

0 x 10

Tim Soares
Florianópolis/SC

Véi,
Na boa
Essa parada de amor tá acabando comigo
Como é que alguém inventa uma parada dessas
E não deixa um manual p'ra nóis consultar?
Eu mesmo não sei o que fazer
Eu durmo, acordo, tomo banho, como,
Escrevo, tudo isso pensando nela.
E véi, que ruiva bonita
Daquelas que quando você
Tá perto, não consegue e nem quer
Parar de olhar
E aquelas sardas
E aqueles olhinhos de girassóis
Ela tá acabando comigo
A única coisa que eu sei
Sobre esse lance de amor
É que ele é tipo
Final da champions
Ou você ganha ou perde
Não tem empate
Putz, preciso de um help
Tô perdendo feio.

beto.dogma@gmail.com

A Bela Terra das Palmeiras

Beco da Preta
São Luís/MA



"... a bela beira-mar.
Encontro de rio e o mar.
Ele e ela o lugar.
O palco do instante.

Do pôr-do-sol.
Faz ondas de alegria.
As tão sintonizadas marés
Um pra lá, outro pra cá.

E flutuar das águas.
O sol ou a chuva.
O dia ou a noite
É reencontro de ambos.

Ainda mais na festança.
São Luís do Maranhão.
A terra das Palmeiras.
Ou a Ilha do Amor.

Até a Jamaica brasileira.
Faz reverso da história.
Da antiga à atual.
E infinito tempo EUsia.

Emérito das 405 primaveras.
Da cidade em hoje's!.
Parabéns e parabéns!



A Ideia

Wagner Nyhyhwh

Rio de Janeiro / RJ

Você está sempre procurando ideias, sempre curioso por conhecimento, sempre escrevendo, anotando, imaginando. Navegando internet afora, se depara com uma seleção para uma revista literária. Boa oportunidade para começar a se mostrar ao mundo, publicar, começar a esvaziar a gaveta (ou melhor, o HD, foi-se o tempo de guardar os textos escritos em papel na gaveta). Dá uma fuçada nas pastas com seus contos. A maioria inacabado. Os acabados parecem tão ruins. O que enviar? Nenhum aparenta ser digno de publicação. Melhor continuar escrevendo, se aprimorando, para então enviar algo para alguma revista ou editora. Mas até quando esperar? Não, nada de ficar adiando, vamos lá, vai ser agora. Você vai participar dessa revista! É só escolher algum desses escritos e dar uma melhorada. Talvez esse sobre o hermafrodita que se apaixona por uma moradora de rua, ou do serial killer que mata serial killers e sofre de Friggatriskaidekafobia (medo irracional da sexta-feira 13). Ou então fazer algo novo. Sim, vamos ver. Que tal um texto sobre a dificuldade de se escrever? Não. Algo mais criativo. Então um bem inusitado, um texto metalinguístico exatamente sobre um escritor que quer participar de uma revista literária e reflete sobre o que escrever. Boa. Tudo bem, não é totalmente original, muitos já fizeram parecido, mas é bem interessante. Uma participação que trata sobre o próprio ato

dessa participação. Vejamos: ele quer escrever para essa revista, o tema é livre, então ele escreverá sobre o quê? Inicialmente ele percorre algumas ideias para contos que havia anotado, mas não encontra nenhum que o motiva a escrever para aquela seleção... começa a se sentir acuado. Pensa em alguma ideia nova. E então? Então decide escrever sobre o próprio ato de escrever para uma seleção literária. Hmmm... você é que está ficando acuado. Criando seu próprio labirinto borgiano, mas sem nenhuma relevância artística, apenas pedante e preguiçoso. Falsamente metalinguístico, apenas para encobrir sua falta de imaginação. Talvez você realmente não deva participar dessa seleção. Treine mais, aprimore seus textos, suas ideias, seu discurso narrativo, faça mais leituras, viaje, etc. Mas você já está pilhado, não é? Está determinado. Vai participar de qualquer jeito. Abre novamente o regulamento. É, o prazo já está se encerrando. Melhor escrever logo. Então vamos lá. Vamos começar.

http://partesforadotodo.blogspot.com.br/



A Lenda da Rosa

Joyce Lima

Itagibá/Bahia

Na Ásia havia uma planta muito sedutora e que, por isso, vivia sempre assediada pelos animais e também, vivia sempre despertando inveja pela sua beleza. Era a rosa vermelha exuberante que enfeitava o jardim de um antigo e luxuoso palácio, onde morava a princesa Josefina.

As rosas ocupavam metade da área total do jardim e isso desagradava as outras flores que confabulavam umas com as outras, querendo saber o porquê das rosas estarem sempre no jardim enquanto muitas outras flores já tinham desaparecido dali, no decorrer do tempo.

Havia ali, um bichinho invejoso que também não gostava das rosas que estavam sempre exuberantes, perfumadas e bonitas. Ele tinha olhos esbugalhados, focinho curto e pernas atrofiadas.

-Afinal, por que as rosas são as preferidas da rainha Josefina? Dizia o monstrengo.

Um dia, as outras flores quiseram descobrir por que as rosas não desapareciam do planeta, por que as outras flores não despertavam os olhares da rainha? Uma das flores chamou o bichinho e disse:

- Belo animalzinho, como você é bonito! Está sempre em nosso meio, vive sempre a depender de nós. Precisamos de um favor e você não poderá se negar a nos ajudar. Queremos que vá descobrir o segredo das rosas!

- Por que elas vivem tanto? Por que os animais não devoram suas folhas e suas flores? Continuou a esbravejar a flor invejosa.

- Claro que ajudarei vocês! Não me conformo com a preferência da rainha pelas rosas... Vocês são as flores mais bonitas do mundo! Vamos

desbancar as rosas!

Ao ouvir estas palavras, uma das flores respondeu:

- Até o rei Napoleão se derrete pela beleza das rosas. Vive colhendo rosas para ofertá-las à rainha. Não podemos deixar que isso continue a acontecer. Vamos convocar vários animaizinhos do jardim para invadir o roseiral, amanhã bem cedo!

Dito isto, reuniu os animaizinhos invejosos e decidiram pelo ataque no dia seguinte. Dito e feito. As flores ficaram de olhos esticados para observarem a ruína das rosas.

Acordaram bem cedo e rumaram para o roseiral. Ao chegarem, se precipitaram para cima das rosas na tentativa de machucá-las. Qual não foi a surpresa da turma má... Ao se precipitarem, foram recebidos pelos espinhos das rosas que os espetavam de todo lado. Todos gritaram de dor:

- Socorro! Estamos sendo atacados! Gritou um dos animais, enquanto o outro esbravejou:

- Estou ferido! Estou sangrando e cheio de dores. O que é isto? As rosas responderam em uma só voz:

- A natureza nos presenteou com algo que nos protege dos invasores, bicharada invejosa!

- Possuímos acúleos, espinhos modificados, para que possamos sobreviver neste mundo. A nossa beleza e o nosso brilho incomodam, disse uma rosa branca que estava ao lado da rosa vermelha.

Os bichinhos saíram gemendo de dor, das espetadas que receberam. Foram vítimas dos próprios atos. Ao chegarem ao jardim para pedirem ajuda às flores, estas fingiram dormir e não quiseram saber dos animais machucados.

A Noite com Anália

Gabriel Araújo dos Santos

Campinas/SP

Bernardino, ou Dino, como todos o chamavam, não via a hora de terminar a missa daquela manhã de domingo.

Entrara para onze anos de idade, danado de ativo, respeitava a todos, em especial os mais velhos, e a muitos tomava a bênção, mesmo não houvesse nenhum parentesco entre eles, costume reinante no perdido lugarejo do interior das Gerais.

Mês de julho, férias escolares, queria tirar o máximo dos dias que ainda lhe restavam de folga e retornar à Fazenda do Suassuí Pequeno, propriedade do Tio Quincas, de onde regressara há uma semana, e prometeu a Anália que logo estaria de volta.

A liturgia daquele domingo era por demais comprida, e agora entoavam a ladainha de todos os santos, uma lerdeza de cantoria, aquilo se arrastando e parecia não ia acabar nunca..

Ele estava longe, os pensamentos lá no Suassuí, melhor dizendo, na figura jovial e terna e alegre de Anália, morena nascida e criada ali na fazenda, órfã de pai e mãe aos quatro anos de idade, por conta do desmoronamento de uma lavra de malacacheta nos domínios da propriedade onde eram agregados.

Agora com quinze para dezesseis anos, via-se disputada por todos os moços da redondeza, mas ninguém chegava perto, que o Tio Quincas, bravo que ele só, nunca ia deixar que ela fosse levada para outras bandas, e isso ele prometeu à D. Marcelina, avó paterna de Anália, quando se despedia deste

mundo.

Tida e havida como íntima das coisas secretas do sagrado, para não dizer feiticeira, a fama da avó passou a dar proteção à neta, e todos, em especial os da fazenda, guardavam o devido respeito por ela.

Todos estranharam seu novo proceder, aquilo de ir sozinho e Deus para a Fazenda.

Voz geral que ficara corajoso de repente, que trem esquisito, logo ele, como os demais de sua idade, e até mesmo as pessoas adultas tinham medo de um tudo, de onça, de vaca brava, e em especial de assombração.

Como se dizia, o caminho para a Fazenda era espichado, e passava por lugares ermos e as árvores, de tão grandes e frondosas, as copas se entrelaçavam, sobrevinha uns túneis, sombreavam imenso percurso com parecença do anoitecer.

Havia ainda a passagem pela trilha do Corpo Seco, e conforme a hora ouviam-se rufares de tambores e cantigas de batuque, almas encantadas que saudavam o morrer do dia.

O certo é que Bernardino ficara de fato corajoso. E foi depois da derradeira noite que passara ali na Fazenda...

Permanecera, como era hábito, até tarde – nove horas já era noite profunda -, a escutar os causos que os agregados contavam ao redor da fogueira, que costumeiramente acendiam num dos cantos da curralama, para espantar o frio.

Com a chegada de mais gente à fazenda, cama não havia.

Ele, menino ainda, natural que cedesse a acomodação aos mais velhos, e se ajeitasse no quarto de Anália, onde havia mais um catre.

A horas tantas, vindo-lhe à lembrança os causos que escutara ao redor da fogueira, perdeu o sono, e mexia e se remexia, o barulho das palhas do colchão deixando-o mais nervoso ainda.

- Anália, tô cum medo.

- Mê de quê, mininu?

- Da mão cabiluda.

- A mão cabiluda tá longe daqui.

- Má tô cum medo.

- Reza, reza pras alma.

- Anália, modiquê os cachorru tão latinu?

- Tão cunversanu cum a Lua. Num vê qui é Lua cheia?

- Tão falanu o quê?

- Uma purção de coisa, uai!

- Anália, modiquê os gatos num mia?

- Modiquê tão caçanu rato e preá. Eles drorme de dia e caça de noite.

- Anália, modiquê os bizerru tão berranu?

- Tão sintinu falta da mãe deles.

- Modiquê o Jofre não deixa eles ficá junto ca mãe deles?

- Sinão, manhã as vaca num tem leite não, qui o bizerrim mamou tudo.

- Anália, cê tamém tem medo?

- Tenho medo não. Só tenho medo de Deus.

- Anália, inda tô cum medo, posso i pru seu catre?

- Pode, vem logo, qui eu quero drumi.

- Vô ribuçá a cabeça. Cê tamém gosta de ribuçá?

- Pára de falá e drorme.

-Anália, as pessoas grande tamém têm medo?

- Algumas têm, outras, não.

- Modiquê o Nesmim, qui já é grande, é tão medroso, e parece bobo?

- Coitado, fala mal dele não. Ninguém sabe se ele é home ou muié.

- Quano é qui vou perdê o medo e ganhá corage?

- Dispois cocê tivé gala e fazê bobage.

- Bobage cum as mininas?

- Não, cumigo.

- Cocê?

- Sim. Num qué?

- Num é pecado não?

- Fazê cocê num é não. É pecado fazê cum o Jofre. Cê é um anjo, muito puro.

- O Jofre é mau?

- É mau não, é pirigoso, qui já é home feito.

- Já fez bogage cum ele?

- Quê isso, minino! Tá doido?

- Anália, cumé qui faz bobage?

- É assim, toma, cê é meu fiinho.

- Anália... – a voz em sussurro e quase inaudível – cê tem leite?

- Não... Tá gostano?

- Qui trem bão eu vim pra qui.

- Tá passano o medo?

- Medo? Isquici tudo! – a voz sumida e trêmula.

- Cê nunca fez isso?

- Não. Tá bom dimais! Só que meu pó tá dueno. Oia pro cê vê.

- Tá dueno? Deixa eu vê.

- Só qui é uma dor gostosa.

- Vou sará ele procê. Dino, cê já tem gala?

- Ai, Anália, sua língua é macia e quente. A minha tamém é assim?

- É mais gostosa que a minha, toma, pode fazê mais. Nos dois...

- Anália, eu vou ficá corajudo hoje ainda?

- Já tá.

- Ai, Anália, cê tá pertano muito minhas perna! Cê tá moiada de mijo?

- Não, bobinho, meu tixé tá chorano.

- Chorano?

- Sim. De gozo.

- Anália, eu num sabia qui o tixé chorava.

- É um choro gostoso. Seu pó tamém tá chorano.

- Eu quero qui ele chora bastante pra eu ficá bem corajudo.

- Anália, modiquê cê tá tremeno, parece qui tá morreno?

- Tô morreno, não, bobo – a voz sumida e entrecortada.

- Eu tamém tô morreno dessa morte, qui morte boa...Quiria morrê sempre assim... Já pirdi o medo. Tô cum sono.

- Toma, fica mais um pouco e drorme.

-

Era sol morrente quando o menino Bernardino passou pela última das inúmeras porteiras da imensa curralama.

Não havia quem não comentasse sua coragem.

Mais prestígio ganhou Anália, cuja fama, com os feitícos herdados da avó, não encontrava rival naqueles ocos das Gerais.

https://www.facebook.com/gabriel.araujodossantos

A Verdade Sempre Prevalecerá…

Manoel Carlos Alves e Gabrielly Batista Santos

São Paulo/SP

No mundo informatizado a notícia não corre, voa! A informação está disponível para todos e cada um interpreta sua maneira, as vezes com grandes distorções. O processo de capitação pode ser lento ou rápido, depende de cada cabeça e raciocínio. Aquele que age com rapidez, sabedoria e lucidez sairá sempre na frente. A verdade é uma arte que nem todos estão dispostos a ouvi-las e muito menos a praticá-las; Até por que a verdade as vezes dói e feri sentimentos. Ser franco também exige coragem, ética e boas maneiras. Fiquemos atentos com as palavras, elas tem peso e podem desmoronar um mundo de sonhos em construção ou até mesmo desconstruir uma vida inteira. Atentemo-nos para a realidade, por que a mentira além de ter pernas curtas, mais cedo ou mais tarde ela sempre vem a tona. Afinal, a verdade é o que sempre prevalecerá.



Amor Maior

Jullie Veiga

São Luís/MA

Porquanto
Narrei às paredes
E também aos céus
Toda a ânsia
De sair de meu mundo
E ir até o fim do teu
Os pensamentos altívolos
Estão cirandando as nuvens
E suas esquinas
E seus recamos

Vibra, decerto, em meu peito
O todo dum amor imarcescível
Que carrego comigo
E que é teu
Tanto quanto meu

E teus olhos, tão castanhos
- Também meus -
Lavados de mel e de luz
Brilhando mais que mil Sóis
Como me chamassem
E me envolvessem
- Silenciosamente -
Em interrogatórios
Que não posso redarguir

E, assim, vens
E me amas, em igualdade
Ganhando o meu amor todo
E o que de mais amor tenho
E, de mim, me escapa
Sem reproches
Engendrando um amor
Mais que imenso
Maior que a eternidade

É teu
Só teu
Todo teu

https://m.facebook.com/eutepoetizei/



Anjo de Olhos Penetrantes

Leandro Emanuel Pereira

Portugal

Sou o teu guardião;
Anjo de olhos penetrantes;
Sei que não tens um guião;
Nem dias frustrantes...

Vês o mundo com clarividência;
Despojado de materialismo;
Majestosa é a tua essência;
E o teu brilhantismo...

Compreendo no teu sorriso;
A beleza do universo;
E dele eu preciso;
Para encarar o perigo disperso...

Eu sei filho;
Que estás conectado com a natureza;
Por isso sentes o seu trilho;
Alcanças a sua destreza...

O teu respirar;
Confunde-se com os teus afetos;
Numa simbiótica forma de vibrar;
Onde se fazem possíveis os sonhos...

Jamais te sintas desconfortável;
Na tua pele;
És adorável;
Doce como o mel...

Por mais jocosas;
Que sejam as palavras que te proferirem;
Repara que voas alto pois tens asas;
Quem se rir de ti, apenas sofre de desdém...

Meu primogénito;
Muito agradeço a tua existência;
Adoro como tocas as pessoas por mérito;
Amar-te-ei eternamente sem prudência...

** Poema dedicado ao meu lindo filho Rafael Nícolas*

https://www.chiadoeditora.com/livraria/viagem-ao-amago

Aos Trinta e Dez!

Denise Flores

Alvorada/RS

O dia tão temido chegou. O relógio acusou o horário que consta na certidão de nascimento. Os quarenta anos foram completados, irremediavelmente atingidos.

Pensei em momentos vividos dos quais tenho saudade. Busquei na memória cenas antigas, desde a infância, dias, horas felizes que gostaria de reviver. Ainda é cedo para fazer um balanço? Dizem que a vida começa ou recomeça aos quarenta anos. Frase clichê, motivacional. Fazer quarenta anos não tem a alegria de fazer vinte e nem a conformidade de fazer sessenta. O número quarenta não designa nada, é meio-termo. É meio caminho, é água morna.

Avisei os mais chegados para não me ligarem, os telefones estariam desligados. Pedi que não me escrevessem mensagens, não queria felicitações por tão estranha idade.

Acordei pensando sobre os quarenta anos vividos. Não acho que mereçam comemorações, mas um texto, ah um texto sim, é preciso! Escrever é sempre bom, é importante, é registro do que se pensa e sente. Ainda tenho um caderno com coisas que escrevi na adolescência e que hoje leio e acho tão, tão bobas, mas que dizem exatamente quem eu era.

Quarenta é pesado! Tem som de palavrão. – Sua quarenta! –Ora, vá se quarenta!

Quarenta é equívoco. Deveríamos completar trinta e nove e no ano seguinte trinta e dez! Como crianças que estão aprendendo a contar. Depois disso então

poderíamos passar para os quarenta e um, que é mais ameno, tem um pouquinho da suavidade do número um que acompanha o número tão, tão póft! Pumba! Crás!

Crise dos quarenta? Crise, crise... É talvez. Crise pela pele flácida do meu rosto e pescoço e pelos tantos e tantos fios de cabelo brancos. Crise pelos sonhos não atingidos, mas que teimam em não se deixar exterminar. Sonhos que se escondem em algum canto a cada nova faxina, não se deixam jogar fora. Crise pelo tempo pela frente que já não é mais tão longo. Crise pelo que foi feito até agora e pelo que não foi feito. Pelos baldes que não chutei, pelos saltos de aza delta que não dei, pelos trens que eu vi passar sem embarcar. Crise pelos passos incertos que eu caminhei, pelas maioneses que desandaram, pelos castelos de areia que eu não impedi que as ondas lentamente destruíssem, mas se eram de areia... Impedir?

Os quarenta marcam experiência e nova fase de vida, com mais sabedoria. Bobagem! Conversa! Vou continuar errando, deixando de acertar. Os quarenta são apenas mais uma data, só um envelhecer físico. A menina que brincava de ler as palavras de trás pra frente ainda faz isso. Que brincava de faz de conta a ponto de desligar-se do mundo real. Fugia (foge) pro mundo que inventava (que inventa). Tão boba e desengonçada ainda brinca nas ondas do mar. A adolescente que ainda come calda de chocolate de colher e não engorda (ah essa é de dar inveja!). Aquela que usava tênis Bamba Monobloco e botas brancas, hoje as botas são pretas e os tênis All Star. Que desenhou e escreveu de cima a baixo todas as paredes de seu quarto de dezoito anos, ainda escreve, mas não mais nas paredes. Há agora, além dessa menina,uma mãe que embala o filho nos braços querendo protegê-lo das dores do mundo e que observa a alegria da filha com medo de tudo o que ela sabe que virá trair seus sorrisos.

Muitos me dirão dos quarenta que é preciso agradecer ter vivido até então,

que tantas pessoas não chegam a essa idade. Enumeram tudo de bom que eu tenho e de ruim que eu não tenho. Mas que sujeita chata que eu sou, que apesar de saber disso, ainda assim não fico feliz!

Quarenta anos e você o quê é? Uma jovem senhora?! Eu sei que não sou mais jovem, mas também não me sinto senhora e nem consigo comportar-me com uma. Ainda uso jeans, All Star e rabo de cavalo. Alguém me viu ontem assim, só que com o cabelo solto e disse que eu parecia uma menina. Eu brinquei que só faltava a plástica. Pensei que talvez esteja meio ridícula, meio sem-noção. Pelo menos é como algumas pessoas vêem aquelas senhoras bem velhinhas que se vestem de menina. Mas aí eu penso: - E daí? Se estiverem felizes assim, que assim seja oras! Preciso fazer um coque no cabelo, pôr uma sapatilha e uma saia reta até os joelhos, é preciso adaptar-me aos quarenta. Help! Não! Não posso! Não serei eu! Sou como sou independente de ter vinte ou quarenta anos. Não sei, não aprendi a ser de outro jeito, não consigo encaixar-me nos padrões de cada idade, desajustada é o que sou.

Mas... que horror... gosto de mim assim!

Quem sabe amanhã eu esteja diferente, pensando e sentindo outras ideias, vendo as coisas de outro modo, gostando de outras coisas. Quem sabe amanhã aos quarenta e um anos, aos quarenta e um dia, quarenta e uma semana, quarenta e um mês. Quem sabe amanhã... metamorfose que sou.



Artista do Mês

Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Bram Stocker

Romancista Irlandês
(texto Ana Rosenrot)

Abraham "Bram" Stoker nasceu em Dublin, na Irlanda em 8 de novembro de 1847. Ele era formado em Matemática e trabalhou como Jornalista, Funcionário Público e Diretor de Teatro. Em 1879 publicou seu primeiro livro "The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland", um livro sobre administração legal. Apaixonado por literatura desde a adolescência, escreveu várias histórias e após passar anos pesquisando o folclore do leste europeu, ele escreve sua obra-prima, o romance gótico "Drácula"; baseado na vida do rei Vlad, o Empalador, em 1897.
Stocker faleceu em 20 de abril de 1912, aos 64 anos, em Londres, vítima de um derrame cerebral.
Desde então sua obra tem assombrado e influenciado gerações, graças as adaptações de Drácula para o cinema, quadrinhos e TV, alimentando o imaginário e criando a cultura do vampirismo.





https://www.facebook.com/apocamarcio
https://www.facebook.com/apocastudios

As Meias Azuis

Sigridi Borges

São Paulo/SP

Carlota Jocasta e seu esposo viviam juntos há 30 anos. Não possuíam herdeiros. A vida do casal era de constantes aventuras. Eternos apaixonados. Não faziam nada de forma individual. Sempre pensavam em conjunto. Nasceram um para o outro. Havia apenas um ponto em que seus ideais se chocavam: ele gostava de jogar na loteria e Carlota não aprovava a obsessão do marido. No mais, combinavam em tudo, eram cúmplices.

Os consortes amavam a natureza e visitavam a praia sempre que possível. Carlota levava a comida praticamente pronta para que pudesse desfrutar dos momentos maravilhosos na companhia do querido esposo. Possuíam uma bela casa no litoral para os momentos inigualáveis de lazer.

— Dessa vez a chuva nos pegou de jeito. O ar condicionado não está funcionando, nem o desembaçador. Não consigo ver muita coisa com esse para-brisas embaçado — disse o esposo.

— Pode deixar. Darei um jeitinho — afirmou Carlota.

Carlota carregava em seu colo uma assadeira repleta de lasanha semi pronta com muito molho, quase até a borda, coberta com papel alumínio. Sem pestanejar, arrancou seu sutiã e, com ele, começou a limpar o para-brisas equilibrando a assadeira para não sujar o carro de molho. Esfregou, esfregou, até que o marido pudesse dirigir com segurança.

O cônjuge, acostumado com a maneira de agir da mulher, seguiu viagem.

Carlota Jocasta era conhecida pelos amigos e parentes como ababelada. Tudo e mais um pouco acontecia com ela.

Em sua casa na cidade, possuía um belo quintal com um esplendoroso

jardim e diversas plantas ornamentando-o, o que lhe tomava quase todo o tempo. Para isso, possuía uma ajudante que fazia os serviços domésticos em sua casa três vezes por semana.

A jovem era muito prestativa. Estava com Carlota há uns bons dez anos e sabia que a patroa era exigente com a casa e com os bibelôs. Durante esse tempo chegou a quebrar um de seus vasos prediletos, mas continuava na casa. Tinha receio de fazer algo errado e angustiar a senhora.

Um dia, no crepúsculo, Carlota, já cansada de cuidar do pátio, deitou-se em seu leito a fim de resfolgar. Após meia hora, acordou ensopada, encharcada dos pés à cabeça. Descobriu que a criada colocara um balde cheio de água sobre a cama da patroa para passar o pano molhado no chão e ele tombara enquanto fazia a limpeza pela manhã daquele dia.

Outra ocasião, descendo a escadaria de sua morada para atender ao som da campainha, Carlota correu desesperadamente, pois aguardava a entrega de um embrulho especial. Rolou escada abaixo como se estivesse escorregando num tobogã. Foi parar lá embaixo no primeiro degrau. Levantou-se rapidinho para que ninguém a visse em tal inusitada situação. Abriu a porta e, com um sorriso sem graça, atendeu ao carteiro e recebeu uma entrega.

Gostava de varrer a calçada para recolher as folhas caídas das árvores durante a ventania noturna e acabava conversando com um ou outro vizinho. No momento estava sozinha. Um homem com capacete dirigia uma motocicleta e passara por diversas vezes na rua, para lá e para cá. De repente parou e aproximou-se dela. A mulher pensou ser o início de um assalto. Largou a vassoura, levantou mãos e braços e disse:

— Pode levar tudo, só não me machuque — falou com ar de choro e muito assustada.

O rapaz que não conseguia enxergar o número da casa, pois estava escondido atrás de uma folhagem, disse:

— Calma, minha senhora. Só vim lhe entregar o jornal.

Certa vez, resolveu visitar a comadre que morava bem distante de sua casa. Para isso deveria ir de trem. Chegando à estação, lotadíssima, não encontrava lugar para se acomodar. Quando o trem parou, entrou numa velocidade tão grande que acabou atravessando o vagão e saindo do outro lado. Não conseguiu entrar de volta. Perdeu o comboio. O próximo vinha tão lotado quanto o primeiro. Assim que ele parou, entrou pressurosamente encontrando no meio do corredor um clarão com bastante espaço. Correu feliz para ocupar o lugar quando tropeçou em várias caixas de papelão e caiu ajoelhada sobre elas. Não tinha mais um vão sequer para se levantar. Ficou ajoelhada sobre as caixas por três estações, até que as caixas foram retiradas pelos proprietários na parada seguinte, e ela conseguiu finalmente ficar em pé.

Jocasta não sabia se ria ou se chorava, levantou-se e saiu às pressas.

Já na rua, um rapaz murmurou algumas palavras que ela não conseguia compreender, parecia pedir informação. Solicitou que ele repetisse o que dissera e, mesmo assim, não o entendeu. Aproveitou para usar todo seu conhecimento em inglês e proferiu:

— Do you speak English?

Ele respondeu, falando com muita dificuldade e gesticulando. Aí ela entendeu.

— Sou surdo. Onde fica o ponto de ônibus?

Coitada da Carlota Jocasta. Não dava uma dentro.

Certo dia foi a uma sorveteria chique que abrira próximo à sua casa para experimentar das delícias geladas. Foi direto no freezer e pegou um pote bem pequeno de um sorvete cuja marca nunca ouvira falar. Na hora de pagar, achou que o preço era muito desproporcional à quantidade do sorvete e disse:

— Não moça, você errou no preço. Confira. É pote pequeno. Acho que esse seria o preço de dois litros, não?

— Minha senhora, estou certa, sim. É que esse sorvete é importado, diet e de marca famosa. Vai levar?

Custou-lhe os olhos da cara, mas mesmo com tamanha vergonha, pagou pelo mínimo potinho.

Numa tarde de domingo, o casal recebeu a visita dos sobrinhos queridos e seus filhinhos. A filha mais nova, de cinco anos, amava aquela tia que lhe fazia todos os gostos. Ao vê-la, correu em tamanha velocidade para abraçá-la que acabou batendo sua cabeça no queixo da senhora rendendo-lhe um deslocamento da mandíbula. Ficou muito tempo imobilizada, comendo sopa com canudinho, até que se recuperasse por completo.

Certo dia, o marido de Carlota andava de um lado para o outro da casa. Subia e descia aquelas escadas diversas vezes. Ia até a lavanderia, olhava os varais, as roupas para passar. Subia e descia a escadaria novamente.

O esposo parecia muito apreensivo, preocupado, apoquentado. Mãos suadas, voz trêmula. Nervoso. Pensou várias vezes antes de perguntar à mulher onde estavam suas meias de cor azul marinho que ele tanto apreciava, onde outrora guardara seu bilhete da loteria, agora premiado. O pagamento seria de enorme valor. Hesitou por um bom tempo até que, no limite do prazo que tinha para receber o prêmio, criou coragem e perguntou:

— Querida, você sabe onde estão as minhas meias azuis?

— Claro que sim, amor. Estão no cemitério.

— Como? No cemitério? Não pode ser! O que você quer dizer com isso? — gritou o marido numa mistura de indignação, pavor e decepção.

— Por que, querido? Não se preocupe, amanhã compraremos outras iguaizinhas. Quando seu tio Clodoaldo morreu, mês passado, coloquei nele para não ser enterrado descalço. Ah, seus sapatos de couro italiano foram com ele também — completou.

— Nada, não. Deixa para lá.

Atrás das Chamas

Letícia Ucha

Porto Alegre/RS

Marisa acordou e viu que o despertador já marcava sete horas da manhã. Levantou rapidamente, e foi arrumar a filha Elisa para a escola. A menina não sabia o que havia ocorrido na noite anterior entre seus pais.

- Vamos rápido Elisa, pois já estamos atrasadas. - falou a mãe.

- O seu braço está roxo e o olho esquerdo também.

- Que bobagem Elisa, não tem nada.Vamos parar com essa conversa - disse Marisa.

Foi esperar o elevador já com o casaco. E os olhos o que fazer com o roxo? Passou pó corretivo para disfarçar.

A menina foi para o colégio e Marisa para o trabalho.

- Ele lhe agrediu de novo? - questionou ,Camila sua colega de escritório.

- Não sei do que você está falando. - disse Marisa,

- Não precisa enganar-me. Olha, vou lhe dar um conselho é bom você denunciá-lo antes que seja tarde demais

- Meu marido é apenas um pouco ciumento, é porque me ama demais . - disse Marisa com um certo orgulho.

- Eu não acredito que você está defendendo o Carlos! Você é a vítima, não há nada que justifique os atos dele. Agressão e amor não combinam.- disse sua colega. Camila.

Ao retornarem à casa, mãe e filha veem Carlos furioso.

- Marisa me diga agora quem é João?

- São e-mails de propaganda. -respondeu aflita

- Não minta para mim. - disse Carlos puxando Marisa pelo braço.

A menina pegou o telefone para chamar a polícia. Ao ver a cena do quarto onde estava,, Carlos veio com fúria para cima da filha, atirando-a contra a parede.

- Para quem você pensa que vai ligar !

Carlos trancou as duas no quarto e foi até a cozinha. Acendeu um cigarro. Começou a fumar. Tocou seu celular. Uma chamada urgente, fez com que ele saísse rapidamente do apartamento e jogasse o cigarro

aceso perto dos guardanapos de pano.

Não demorou muito começou um incêndio que alastrou-se rapidamente.

- Mãe está sentindo um cheiro esquisito? -disse Elisa.

- Talvez..

De repente, a fumaça começou a entrar por debaixo da porta. Os vizinhos sentindo o cheiro e vendo a fumaça resolveram chamar os bombeiros.

Usando um grampo, Marisa conseguiu abrir a porta do quarto que Carlos as tinha deixado trancadas. O local já estava em chamas na cozinha, mas o fogo não chegara à sala ainda. Marisa saiu com a filha correndo, mas antes pegou sua bolsa com dinheiro e documentos que havia deixado na sala quando chegou em casa.

As duas desceram e saíram pela entrada de serviço sem serem vistas. Enquanto isso, ouviram a sirene dos bombeiros.

- Para onde vamos mamãe?

- Não sei. Pegaremos um táxi.

Como era dia do pagamento de seu salário, Marisa havia sacado no caixa o valor total que seria utilizado para pagar contas mensais.

Caminharam um pouco e entraram num táxi.

- Por favor, para a rodoviária. - falou Marisa

- Chegando na rodoviária foram até ao balcão de compras de passagens.

- Quero duas passagens a São Paulo.

- O que está acontecendo mãe?

- Vamos fugir.

Enquanto isso, no edifício onde moravam, o apartamento continuava em chamas. Os bombeiros estavam tendo dificuldades para conter o fogo. A residência do casal havia ficado danificada. Por sorte, os demais apartamentos do edifício, não foram totalmente danificados.

Carlos, ao chegar em frente ao edifício disse:

- O que houve aqui?

- Seu apartamento pegou fogo e ninguém sabe onde estavam Marisa e Elisa. - disse uma vizinha

Carlos lembrou que deixara as duas trancadas no quarto e sentiu um arrepio.. Entrou no edifício e subiu apressadamente pelas escadas até chegar ao andar.

- Senhor esta área está isolada. -disse o bombeiro.

- Mas eu moro aqui e quero saber notícias de minha filha e esposa -gritou Carlos.

- Infelizmente, no momento o senhor não poderá entrar, terá que aguardar. Qualquer novidade lhe passaremos.

Enquanto isso, mãe e filha rumaram a São Paulo. Chegando lá, Marisa, foi

buscar ajuda, visitando uma colega de colégio que trabalhava como gerente em um restaurante.

- Nós, vamos para São Paulo sem avisar meu pai?- disse Elisa

- No momento é importante que ninguém saiba para onde estamos indo.- ponderou Marisa – fica um segredo entre nós.

Enquanto isso, no sul, Carlos ouviu dos bombeiros.

- Tenho que informar ao senhor que não temos notícias sobre sua esposa e filha.

Carlos saiu desatinado pelas ruas, como sua casa havia sido destruída resolveu passar a noite na casa de seu irmão Olavo.

Carlos procurou encontrá-las através de celular e nada.

Já em São Paulo, Marisa entrou em contato com sua amiga

- Susana, tive que vir morar em São Paulo fugindo do meu marido que estava cada vez mais agressivo. Você teria como conseguir um emprego para mim no restaurante onde você trabalha? Pode ser qualquer coisa.

- Bem Marisa, agora você pegou-me de surpresa. Você tem formação em contabilidade, só temos vaga para confeiteiro.

- Olha, eu fiz há muitos anos um curso sobre confeitaria no SENAC, eu poderia trabalhar na cozinha, ajudando os chefs.

- Temos sempre pedidos de sobremesa, se você demonstrar que sabe.

As sobremesas foram aprovadas Mãe e filha foram para um hotel.

Enquanto isso, lá na sua antiga cidade, Carlos andava bastante agitado. Corpos não foram encontrados,estariam vivas?

Um dia em casa, Elisa perguntou:

- Mãe, eu nunca mais verei meu pai?

- Quem sabe algum dia, mas você não quer mais aquela vida de antes não é mesmo? -disse Marisa

- Não quero! falou Elisa.

- Mãe, eu posso me inscrever no site Orkut ou Facebook? – falou Elisa

- Já lhe disse, várias vezes que não quero que saibam do nosso paradeiro. Vá lá que teu pai descubra onde estamos. -afirmou Marisa

- Mãe, mas todo mundo no Face.

Elisa, entrou na rede social. Adicionou suas amigas atuais . Quando estava navegando viu uma comunidade de seu ex- balé. Entrou na comunidade..

Uma ex-colega e vizinha de Elisa a viu na comunidade e contou a Carlos. Ele viaja a São Paulo. O perigo voltara.

Balanço

Eni Ilis

Campinas/SP

Balanço vai e vem.
Tocar o céu, voltar para o chão.
Vai e vem sem espera de fim.
O chão foi tirado e o céu é o telhado – proteção no movimento que acalenta,
leva e traz presença.
Balanço na praça.
Embalo a espera e sem espera de fim.
Soltar-se do chão, render-se ao céu.



Bem-te-vejo

Heloísa Battagin
Pirassununga/SP

Antigamente os pássaros eram felizes
(ou conformados)
Viviam cantando "bem-te-vi, bem-te-vi!"
E viam o Cruzeiro do sul

Da terra dos poetas,
Vim da terra dos bandeirantes
Onde os sonhos são infinitos
Como os grãos e as sementes

Onde tudo cresce, vinga e vigora
O chão é um coração aberto
Para onde tantos vão
Com seus sonhos tão gigantes

A mistura harmoniosa de rostos diferentes
E vidas tão iguais
Tantos rostos iguais se misturam e harmonizam
A multidão de vidas diferentes

Medos, preconceitos, coragem e respeito:
Tudo para me criar Paulista
Por mercê de Deus
Para a dor e para o amor

Com a força dada por São Paulo
E os sonhos por Capivari
Vim para tão longe para em breve retornar
Nada vale a Ursa Menor sem o som do bem-te-vi

Boa Vontade

Ovidiu Marius BOCSA

Romênia

Boa vontade, meu amigo feliz de Kant intoxicado:
Por que algumas pessoas tornam a vida tão complicada?
Eu quero visitá-lo, mas ele foi deixado e deixou sua chave
Minha pobre casa está aberta para sempre, para amigos como você.
Eu venho quando você não espera, você me conhece ...
Água meu jardim, então você pode beber um chá gelado.
Algum tempo ele voltaria, eu digo, com um olhar
- E um tanto admirando isso por todo o tempo que levou
Para adicionar seu coração com sentimento tão inesgotável
Nas paredes - apenas cinco, incluindo o teto escrito
Bastante adornado com o renovado pensamento adorniano,
Seu pequeno quarto com tudo o que ele havia ensinado:
As inscrições invisíveis estão penduradas do céu,
Uvas da terra prometidas onde a metade das nossas memórias mentem;
Tinta em lençóis fazendo meio-perdedores felizes, os vencedores
Quando os deuses ainda olham com prazer nos pecadores penitentes.
Enquanto homens para quem o tempo se estende tão dolorosamente
Estão à espera de Godot, desapontados por não encontrarem completamente
Ouro amanhã já continua ontem:
Não amadurece frutas, mais do que o suficiente para ficar hoje.
A vida tornou-se a ideologia de sua própria ausência,
E o resto é palavras vazias ou um longo silêncio.
Filosofia que pode ser praticada de forma responsável

Exceto o nobre romance do beijo ao pôr do sol,
Para enfrentar o desespero é a tentativa de contemplar todas as coisas,
Um ninho de estrelas, sob sonhos e asas sem problemas.
Como eles apresentariam o horizonte da redenção.
Uma vez, quando a sociedade insistiu no esforço da vontade;
Somente o amor deveria ser um monte sem caminhos;
Assim, tão involuntário e puro imediatismo de sentimento
Na sua saudade, este se esquecia do significado transparente.
Aquele que amou e que trai esse amor
Dói a luva imaculada no futuro e no passado.



Canteiros

Maria Ângela Piai

Capivari /SP

Rasgo-me em flores pra ser menina de teus olhos jardins
Onde cultivamos nosso amor-beija-flor
Onde bailamos lírios ao vento
Onde giramos sóis em cata-ventos
Onde espinhamos rosas e perfumamos orquídeas
Nós que borboleteamos os verbos
Besoureteamos os sujeitos
Nós, que minhocamos os predicados
Cavemos a cova da semente-que-será-flor
Broto eu. Brota tu. Brotemos.
Infinitamente.



Carnaval

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

para Antônio Maria

Não se precisa de aval
para viver o carnaval.

Durante os dias de folia,
há uma constante gritaria.

Há inversão de valores
para se enfrentar dores.

Sair cantando loucuras
para superar as agruras.

Esquecer as dificuldades
que há em todas as idades.

Sonhar com a passarela.
Vestir-se apenas para ela.

Desfilar com muita alegria,
enquanto o rosto só sorria.

Todo enredo tem seu tema.
Mudar não é um problema.

Reescrever a vida como quer,
pensar ser o poeta Baudelaire.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Ceuzinho de Brasília

Rafaela Ferrari

Brasília/DF

O céu não parece bonito hoje ?
Tentei olhar mais de perto, mas acabei me afogando no azul Do lago ?
Talvez
Por alguns instantes minha perna era livre , meus braços leves , minha cabeça solta
Por um momento não existia mais gravidade e nem aquilo que os físicos chamam de empuxo Era o universo que puxava cada átomo meu
Um pra cada canto

As nuvens em seus cortes de vento
Não sabia mais se eram nuvens ou meras estrias do meu corpo Eu era o universo
Todos os átomos em suas respectivas repulsões Afim de evitar uma fusão nuclear
No céu No ar Em mim

O céu não parece bonito hoje ?



Construção de Vaga-Lumes

Fabio Daflon
Vitória/ES

As fêmeas-lumes vagam
e põem os seus ovos
em troncos caídos
quase pútridos:
nutrizes sãs para
larvas gene-lumes
a luzirem nas noites.
O macho-lume não
come filhos vindos
à luz da vida lucífera.
Ao copularem ambos,
por anatômicas razões,
formam um coração
com sístoles-diástoles,
antes do zênite-êxtase
partilhá-los em dois
besouros de lumes saciados.





Contenda

Hilário Aires

Batatais/SP

Se isto ou aquilo
quem é que sabe ?
se belo e justo
seria perfeito
e mais ainda
se de boa vontade
seria supremo
grego por excelência
racional e humano
pensado no outro
moderno
isto pra quando ?
se o lucro vigora
o perverso e o injusto
a ganância
o dogma
o animal que compete
fere, mata, mutila
vence ?
avança ?
assim mesmo ?
quem é que sabe ?
até quando funciona
até quando suporta
se é só o começo
ou o fim dos enganos

www.poesiatalcoisa.blogspot.com.br

Contentores

Luís Amorim

Oeiras - Portugal

«Chegaram os contentores
E há que conferir os valores
Que lá dentro estão
E se serão
Adequados a esta editora
Literária que mora
Em zona urbana.»
«Se não der para esta
Dará para sua mana
Para que continue a festa.»
Os contentores são arrumados
Para serem revelados
Seus enigmáticos conteúdos
De onde saem ruídos
Que deixam confundidos
Os que desconhecem
As coisas que se encontram
Nos interiores que abanam
Talvez procurando saída
Pois certamente querem
Respirar outra vida.
«Este contentor pesa mais
Do que aquele ali.»
«É porque têm demais
Obra publicada
Noutra temporada
Conforme eu já li.»
Os contentores são abertos
E saem ainda despertos
Todos os jornalistas
Encomendados como artistas
Para futura edição
Não importando a imaginação
Se a terão ou não
Desde que produzam algo
Que se possa ler
Como: «Eu fiz algo
Para vos dar a saber.»
Os jornalistas são tantos
Que ocupam todos os cantos
Esperando sua vez
Em grupos de três.
«Vocês poderão não ter
Talento que se possa perceber
Mas isso não interessa
Pois são conhecidos

E toda a gente cai nessa
De comprar livros
Dos jornalistas referidos
Nos meios audiovisuais
Como os certos sinais
Para bem sucedidas edições
Com lucros nas intenções
Nossas, sem confusões
Em quaisquer apreciações.»
«Existem autores com criatividades
De grandes originalidades
Com floridas inspirações
Nas suas imaginações.»
«É verdade
Mas são desconhecidos.
Dá flores de criatividade
A estes bem-vindos
E vais ver como sairá
Prosa ou poesia
Que até espantará
Quem não se adia
Como super-letrado
Já antes identificado
Em qualquer lado
Por onde tenha passado.»

Assim foi feito
E houve flores para todos
Os que ficaram em modos
De interior criação
Para escrito como conceito
De literária obra
Em expectante recepção
Cheia de gente
A qual se dobra
Vergada na decepção
Mesmo à frente
Dos jornalistas
Que apenas dão
Como visíveis pistas
Uma certa imaginação
Que não será por aí além
Pois cada bem
Entregue em flor
Murchou de imediato
Causando um rubor
De vergonha no acto
Ao futuro editor
Que começa a balbuciar
Não sabendo explicar
O que se está a passar.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions

Contrassenso

Alex Rosa
Jundiaí/SP

Você tem medo! – Tu dizes.
Eu não tenho medo - respondo; sereno.
Apenas quero viver ao meu modo
(Não há nenhum pássaro azul de Buk no meu peito)
E mesmo que se assim houvesse; não poderia libertá-lo.
Para então acorrentá-lo aos teus pés
Seria crueldade demais para com ele

Dizes que sou vazio por dentro.
Penso "ser mentira".
Enquanto o eco das palavras em meu coração
Faz cai por terra tudo que sustento.
Meias verdades soam com grande relevância para mim

Não tenho medo da carência
Tão pouco da velhice solitária
Tenho medo de passar o resto da minha vida – sozinho.
Fingindo estar acompanhado.

Egoísta eu?
És tu, que queres que eu me encaixe em teu mundo romanesco.
Acredite, talvez exista o tal pássaro.
Mas não poderia aprisioná-lo e ainda querer que ele cante afinado

E não me tenhas como tão desprovido de sentimentos assim
Só porque não os demostro
Não quer dizer que não os tenho, não os cultivo.

Nunca profiro palavras de amor, é verdade.
Porque palavras são nulas e assim; vazias, vagas, traiçoeiras.
São levadas pela brisa covarde dos atos inversos
Prefiro tirar um sorriso com humor
À entregar flores mortas, seguidas de espinhos.
Pois o eterno se fez simples em um gesto
O que passar disto, é vestígio de notória obrigação.

Então; dane-se o que impõe a sociedade.
Eu sei que dizem que é impossível ser feliz sozinho
Mas a verdade é:
Que eu nunca fui a dois
Tu és?

https://www.facebook.com/alex.rosa.714



Crônica Cotidiana

Sarah Leocádio

Belo Horizonte/MG

Caminho pela rua suja
Estranho cais de águas profundas
Conglomerado de ideais revoltos.
Escuto o moço que joga ao vento
- Mulher sem cabeça é mais fácil
E sinto a pressão, o peso
do preço de ser execrável.

https://poesiapraquetequero.blogspot.com.br/



Cruzamentos

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

Estava sozinha e usava jeans com chinelos. Subindo a pé naquela rua, notou que lavavam o carro na calçada de uma casa.

Esfregavam e enxaguavam juntos; as rodas, pneus, partes do fusca. Branco.

O portão estava bem aberto.

Olhou cenas reais. Muitas pessoas em movimento.

Uma mulher, várias crianças um cachorro, cadeiras, plantas, conversas, risos, tudo natural, não fosse à personagem principal. Uma senhora idosa, sentada em uma cadeira.

Usava um vestido florido, os cabelos e a pele denotando a passagem transformadora do tempo. Gesticulava movimentos trêmulos, boca entreaberta, mas ao derredor, pessoas mais jovens consideravam a mais velha da casa, como parte de um todo. Escolheram não abandonar, não depositar no asilo, queriam, preferiram assim. A personagem à cadeira não entendia nada. Não sabia mais quem era quem, não sabia mais nem quem era ela. E daí?

A mulher que caminhava sozinha e usava jeans, era eu.

Enquanto andava fiquei me perguntando:

Será que tenho medo da morte ou tenho medo de morrer?

Vou morrer amanhã, domingo? Vou morrer...

Veio-me á memória musical; Gilberto Gil.

NÃO TENHO MEDO DA MORTE

"Não tenho medo da morte

Mas medo de morrer, sim.

A morte e depois de mim

Mas quem vai morrer sou eu
O derradeiro ato meu
E eu terei de estar presente
Assim como um presidente
Dando posse ao sucessor
Terei que morrer vivendo”.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto



De Uma Fruta Qualquer

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Era um pé
de uma fruta qualquer
tão alto, mas tão alto,
nem sabia que da terra
brota asfalto!



Definições de Última Hora

Eduard Traste

Florianópolis/SC

"você foi uma das piores coisas
que já me aconteceu
você é horrível
demoníaco
espero que você morra
quero te ver em um caixão
espero que não demore
você é a primeira pessoa
que eu realmente tenho vontade
de matar
foi um erro ter te conhecido
seu maluco de merda
foda-se
foda-se
filho da puta
você é a porra de um louco
doentio
sociopata de merda
nunca mais quero te ver
nunca mais quero saber
de você

boa sorte na sua solidão
foda-se também
morra nela
vai se ferrar do fundo
da minha alma
você é realmente
horrível..”

depois de estimada carta
pensei em escrever algo
a respeito, mas acabei desistindo
assim, contentem-se
com mais uma opinião alheia
mesmo que não queira
dizer porra nenhuma
ou tudo - o diabo
que o seja.

www.estrAbismo.net



Delírios

Marluce Persil

Alma embalsamada em rancores
ciência que não decifra as piores dores
filosofias a pairarem enraízam-se
pontos tentando se ligar
conexões que aproximam
e fazem distanciar
e a certeza onde esta?
Certeza
delírios que tentamos explicar
em cada pouco do povo um tanto de louco
passagem do subconsciente
para labirintos.
A cada qual uma estrada
e o nome na lápide é sempre a última parada
descanso da tormentosa corrida de atletas
a fuga de uma jaula enferrujada,
cheia de moribundos.
Há sempre uma viúva que acabará de enterrar o marido
e impregnada em tuas vestes com o cheiro do mistério
da à luz um poeta.
Ah...
O poeta é filho do choro!
camaleão que tanto muda que às vezes esquece que já mudou.
Poesias sãos células
Concretização do abstrato que somos
das cores que criamos para clarear o que acreditamos
Porque sempre vagamos
e as linhas que os poetas preenchem
são somente poemas que somos.



Donzela, Princesa e Plebeia

Ketely Almela
São José do Rio Preto/SP

Luziam-se, amam e encantam-se com o viver
Guerreira do sexo feminino, porém frágil como um pedaço de vidro
Mas, cortante como uma florete e amável como uma rosa
Pequenos cristais da origem do ser feminino

Lideres de seu ser que molda ao instinto de viver,
Perdendo no sopro da felicidade a tristeza,
Desafogando do mar para formar-se uma sereia,
Que nada como um peixe curioso dentro de um balde,

E tem asas como os pássaros famintos por liberdade,
Exuberam como uma cachoeira de águas com chamas,
Renascem como deusas ou uma Cleópatra que luta,
Fulminam como estrelas, cometas e asteroides,

Honrar, reinar e estrelar à estrela mais brilhante do céu,
O arco-íris mais colorido, a alma que mais pluma na escuridão,
Na solidão do anoitecer, unicamente igualitário ao lunissolar,
A estrada de universos que conduz o beijo até aos lábios,

O silêncio que se desfaz entre o vento e corre como um tigre,
Pousando como pombos que não param de correr em sentido oposto de andar,
Entram em ebulição para acabar com a abulia,
Sóbrias e soberanas mulheres que foram criança um dia.

esoponovagao.blogspot.com

Elasticidade

Carlos Azevedo
Santa Marinha do Zêzere- Baião-Portugal

Abres-te em sorrisos
Lanças suavidade à tua volta
Fazes parar a marcha do tempo
Como se isso fora possível
Tais os pensamentos que afogas
E as raivas que esmorecem ao ver-te
Tens enorme impacto no que te rodeia
És como íman que tudo atrai
A força que patenteias é poderosa
A elasticidade que te é inerente
A enorme paz que irradias
As mensagens simples que difundes
A frugalidade imperial
Tens a turbe ao redor
Bebendo cada palavra que proferes
Alimentando-se de cada gesto teu
Interiorizando cada ideia
Ensaias alguns passos
A multidão eletrizada segue-te
Aproximas-te da falésia
Tudo olha para onde teu olhar aponta
Detestas ostentações ou vãos discursos
És a natureza pura, simples, dura,
És não mais que a própria luz…

https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Entrelinhas

Isabel C.S. Vargas

Pelotas/RS

...entre raios, pedradas e metralhas,
ficou gemendo, mas ficou sonhando.
(Triunfo Supremo) Cruz e Souza

Esta epígrafe é de um poema do autor citado. Segundo sei é também seu epitáfio. Tal texto não me remete à guerra, conflitos, mas a uma situação relacionada à superação, resistência e autoestima e que é denominada resiliência. Tal termo é empregado na física para indicar a capacidade dos materiais de voltarem ao estado normal após sofrerem grande pressão ou impacto. Não é usado só na física, mas em outros campos do conhecimento. A psicologia usa o termo para indicar a capacidade que a pessoa tem de se recuperar de grandes traumas, sofrimentos, abalos emocionais e seguir em frente, o que não significa que não foi atingido o bastante. É um enfoque diferente, que ao invés de analisar patologias, analisa ou estuda as respostas positivas do ser humano.

É a capacidade de resiliência que vai explicar porque uns conseguem a superação de tragédias, perdas enquanto outros sucumbem.

É estudada também no campo pedagógico.

A vida do poeta em questão é um exemplo de resiliência. Nascido em Desterro, hoje Florianópolis, filho de escravos foi alforriado e acolhido na casa do Marechal Souza como filho. Estudou, mas com a morte dos protetores é obrigado a largar os estudos e trabalhar. Sofre perseguições e é proibido de assumir o cargo de promotor público por ser negro. A sua mulher enlouquece

após a perda de dois filhos. Ele morre aos 36 anos. È o maior poeta catarinense.

O que me parece incrível e emocionante e que me induziu ao termo é a colocação de gemer e sonhar e que bem espelha a capacidade em questão. Ser atingido e olhar em frente. Não sucumbir, encontrar forças na própria dor.

Muitos fatores auxiliam ou predispõem à resiliência, entre eles afeto autoestima, laços afetivos fortes, fé, espiritualidade, flexibilidade, bom humor, alegria, tolerância, sabedoria, discernimento.

Dependendo da fase da vida é uma destas características que se sobressai ou grande parte delas entrelaçadas que fazem a rede capaz de segurar a pessoa para não cair, tal qual aquela rede utilizada pelos bombeiros, que além de segurar, aproveita o próprio peso e ainda impulsiona para o alto.

Relembrando a vida do poeta, não posso deixar de lembrar certas situações que às vezes parecem tão fortes a ponto de causar mágoa como perceber-se alvo de ciúme de quem julgava amigo, mas que nada representa a não ser a prova da humanidade de todos nós, tanto de quem assim atua quanto de quem se deixa atingir, afinal cabe a cada um a escolha do caminho a seguir, se carregando mágoas como quem carrega um saco de batatas podres, que além de pesar atinge quem o carrega e quem está ao redor ou enterrando-o para servir de adubo que só fortificará mais os brotos que dali nascerem.

Lembro também pessoas maravilhosas que conheço e são tantas que usaram a dor para serem melhores e são fantásticas, alimentam o sonho, seu e de outros que tem o prazer de serem seus amigos e conhecerem a fortaleza de ternura em que se transformaram.

Por isto apesar dos raios, das tormentas, das dores e dos conflitos é importante ser otimista, permanecer íntegro e cultivar a esperança nas pessoas, no amor, na vida.

Era muito para o coração de um pobre pai!

Reinaldo Fernandes

Brumadinho/MG

Partiu no dia 18 de janeiro. É engraçada essa vida. A gente sabe que um dia vai acontecer. Mas, mesmo sabendo que ia acontecer, quando aconteceu fiquei baqueado.

O primeiro dia foi o mais difícil. Vê-la partir, mesmo com tantos amigos ao lado, naquela hora, foi de cortar o coração. A mãe, do lado, chorando sem parar. O irmãozinho.

Quinze anos. Era muito jovem, quase uma criança. Nos seus quinze anos, nunca me separara dela, a vi crescer, dar os primeiros passos, as primeiras palavras, e a fotografei, pela primeira vez, com um Carlos Drummond no colo. Com quatro anos lhe ajudei a escrever seu primeiro texto, para ler na "formatura" do 2º período (ela era do 1º).

Lembro-me de quando ela, lá pelos seis anos, entrou numa de ter medo à noite. Pedia sempre para eu lhe inventar estórias, e eu, com inspiração ou sem ela, contava estórias de Lakissa, da professora Ronéria, e mil outras. Aí, no meio de uma estória, me interrompia, e, quase chorando, dizia: "Timento de medo!" Meu coração se cortava, e o melhor que eu podia era dizer: "Vou te contar outra estória: de um cara, eles o chamavam de Jesus. Era o filho de Deus e veio aqui na Terra pra ensinar o amor para as pessoas. Mas os poderosos daquela época, os reis, os políticos, não entenderam o que ele queria, ficaram com medo dele ficar mais poderoso do que os poderosos e mandaram matá-lo. Sabe o que aconteceu, meu anjo?"

Ela não sabia, claro. Abria mais os olhinhos, se ajeitava na cama e ficava mais atenta. Eu completava: ele nasceu de novo, dois dias depois de ter morrido. Aí ele apareceu para seus amigos, assim, do nada, de repente. Aí os amigos, que tinham visto ele morrer, ficaram com medo, meu anjo, assim, igual você está com medo. Sabe o que ele disse aos seus amigos? Ele falou assim: "Não tenham medo! A Paz esteja com vocês!" Então, meu anjo, eu também digo a você: não tenha medo!

Ela sorria, me abraçava, e eu sabia que estava em paz. Ironia do destino, nossas incoerências de cada dia: agora, sou eu, logo eu que lhe ensinei a não ter medo, agora sou eu quem estou tomado pelo medo.

Sempre fomos muito apegados, eu a ela, ela a mim. "Tô com ciúmes!", brincava a mãe, que, no fundo, morria de ciúmes mesmo. Mas isso não tem nenhuma importância agora. Agora, o que temos, a mãe e eu, seu irmãozinho, é sua ausência, é a falta que ela nos faz, é o vazio.

"O tempo é o senhor de tudo!" foi o que me disse um amigo na hora derradeira, querendo animar-me. Uma frase que eu mesmo, tantas vezes, disse a outras pessoas. Porém, naquele momento, era uma frase vazia pra mim, de nada adiantava. Não adiantou naquele dia, não me serviu no dia seguinte e nos outros. Era amor, era costume.

Eu sempre dizia que ela tinha tido sorte. Quando nasceu, eu fazia Mestrado, licenciado do trabalho, passava as manhãs em casa e ia para a Universidade à tarde. Podia ficar com ela todas as manhãs, dava banho, trocava as fraudas, dava papinha. Se chorava muito e eu não conseguia consolá-la, a colocava na cadeirinha do carro, dava uma volta no bairro e ela dormia. A pegava em meus braços – que saudades dela! Que saudades de seu corpinho de criança, que vontade de voltar a protegê-la entre meus braços!- e a levava para seu berço.

Sempre a levei para a escola:

- O beijo do papai!

E ela pulava em meus braços, lascava um beijo na minha testa, nós dois ali na entrada da escola, atrapalhando os pais que entregam seus filhos e felizes, como éramos felizes!

E, na hora de buscá-la, era um perigo. Eu, por causa do trabalho, chegava sempre uns minutos atrasado, quando praticamente todos os pais e mães já tinham levado suas crianças. Ao ver-me descer do carro, ainda do outro lado da rua, ela saía correndo e, se eu não ficasse esperto para ser mais rápido, atravessava a rua sem olhar para lado algum, tudo para receber meu abraço: "Saudade, papai!", sorria e pulava em meu colo. E eu era o homem mais feliz neste mundo!

Impossível segurar as lágrimas. Lembro-me de Toquinho e Vinícius, Cotidiano nº 2. Às vezes quero crer, mas não consigo, é tudo uma total insensatez. Sua imagem me aparece nítida: linda, a menina mais linda do mundo, seus olhos grandes e negros, os cabelos fartos e encaracolados, a inteligência, seus desenhos maravilhosos e sua preocupação com o meio ambiente e a raiva contra as injustiças deste mundo. Aí pergunto a Deus: "Escute, amigo, se foi pra desfazer por que é que fez?" Mas não ouço resposta, só ouço o eco de minha voz: ... se foi pra desfazer por que é que fez? ... por que é que fez?

Sete dias se passaram. Fomos à missa, rezamos por ela, pedimos a proteção de Deus. Ao final, esperamos um pouco, procuramos Padre Paulo no salão paroquial. "Não fiquem assim", consolou-nos, com aquela voz mansa, um abraço acolhedor. A mãe chorou, o irmãozinho estava mais consolado, o representante de Deus completou: "Eu tenho certeza de que onde ela está ela está bem!"

"Não adianta vocês ficarem só lamentando, chorando o tempo todo! Peguem as malas, vão viajar, vocês não iam?", aconselhou a avó, a que estava

mais tranquila, talvez pela maturidade alcançada pela idade, aprendendo a aceitar a vida e suas reviravoltas. Fomos.

Era a primeira praia sem ela. Adorávamos praia, desde que nascera, só não fomos uma única vez, quando tinha apenas 2 meses de idade. Depois, desde o primeiro aninho até os 14, sempre fomos ao mar. Agora, estar sem ela era triste, muito triste. Pegava meu livro, lia e me lembrava de quando dávamos gargalhadas juntos, comentando mais um conto de "A mulher do Silva", de Veríssimo, um de nossos prediletos. De nós dois brincando de quem fazia o maior castelo de areia, e de como ela ficava furiosa quando eu, despistadamente, derrubava o seu e a deixava furiosa, num primeiro momento, para depois receber seu abraço e uma declaração de amor: "Você é o melhor pai do mundo!!! Meu amor é maior do que o oceano Atlântico, maior do que o Pacífico, maior do que os sete mares!", e, enquanto me seduzia com seus encantos de sereia, passava por trás e chutava meu castelo. Depois corria de mim e se escondia nos braços da mãe.

Se passava o vendedor de queijo, novamente me lembrava dela: adorava aquele queijo, mais do que sorvete, mais do que suco de manga com leite. Meu consolo eram as palavras de Padre Paulo: "Eu tenho certeza de que, onde ela está, ela está bem!"

Era o que sonhávamos, era a única coisa em que pensávamos desde que ela, inesperadamente, partira. Havia mais de um mês que não se falava no assunto, até que tia Élida ligou no dia 16 de janeiro. "Tem que ser depois de amanhã! Conseguimos um voo!" Eu faria uma bela festa de 15 anos para ela, traria Fábio Assunção ou Fiuk para seu baile, mas ela preferiu ir ao Parque de Harry Potter. Um mês nos Estados Unidos! Era muito tempo para o coração de um pobre pai!

www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes

Facilitar a Vida?

Mickael Alves

Iguatu/CE

Eu agi, ousei não pensar
Na medida do fazer
Sem razão, quis vontade
Quis gritar coragem
Além do ensino do coração
O que é de mim mesmo
Sem memorizar
Ou moldar o ato.
Sem titubear,
Não pedi paz
Pois a guerra me satisfaz
Acendi a chama do fugaz
Dei o caos onde eu for seguir

Deixei a natureza do meu eu
Me guiar
Onde for caminho
Onde for parada

Vida, me livre;
Dos imperativos,
Dos julgos da sociedade,
Da perfeição.
Lírica dos dias atuais:
Até o silêncio é punhal

Todo contato é conflito
Todo contar é insulto
Todos sabem dos ritos
Todos seguem o ritual
Para garantir o cumprimento do dia
Todos dispostos a honrar
Vamos venerar a lida!
Da vida dos moradores leais
Mas fiz revolução
Eu nunca mais os irei seguir
Para salvar o meu jardim
De agrados meus.

Felicidade

Rosana Rodrigues

Duque de Caxias/RJ

Lindos dias azuis e verdes,
Amarelos, brancos
Borboletas no estômago,
Pensamento no ato,
Expectativas.
Coração a palpitar,
Respiração a ofegar,
Poesia.
Pernas bambas, beijos,
Querer bem,
Amor.
Momentos únicos e íntimos
Eternizados no tempo,
Representados em um único ser: você !



Flor do Sertão

Monique Munielle
Maceió/AL

A todos os Fabianos e Severinos espalhados pelo sertão da vida afora.

A esperança é uma flor espinhosa que desabrocha

No solo seco dos desafortunados.

Que por terem tão pouco multiplicam tudo.

Perdidos, moribundos, evadidos.

Fabianos e Severinos em meio às secas, em meio às cheias.

Marcados pela severa vida severina.

Abrasados pelo pão-sol de cada dia.

Que racha a terra e aquece o núcleo duro do coração,

evaporizando suores e lágrimas que regam
–suavemente,

a mais linda flor do SER-TÃO!



Foste Embora!

Susana Campos

Sinto eu uma dor forte, no peito
dor que me consome
pela impotência de nada conseguir fazer
por ti!
e sei que como numa canção, a vida pára
a vida pára!

sei que os teus risos brilhavam
aqui e ali!
sei que as tuas mãos tristes, sentiam
o medo, o medo de não te sentires amado
sabes que alguém, pelo menos alguém
ouvia o teu sorriso e ria também

não fiz nada!
não fizemos nada e tu foste
foste para longe da luz do sol
sei que gostavas do sol
todas as crianças gostam!

não te contei a história do menino
que esperava o abraço do sol

não te contei tantas outras histórias
não me cruzei contigo
mas choro por ti!

hoje passei por ti
não me viste certamente
eu não consegui entrar, não te vi
mas choro por ti!

em memória ao João Maria, 2017

sua cabeça dizia
Ctrl, Alt, Del
reinicia

betobellini

Foto – Poema

Beto Bellini

Porto Ferreira/SP

O que é o nada?
Simplesmente,
tudo
revestido de vazio.

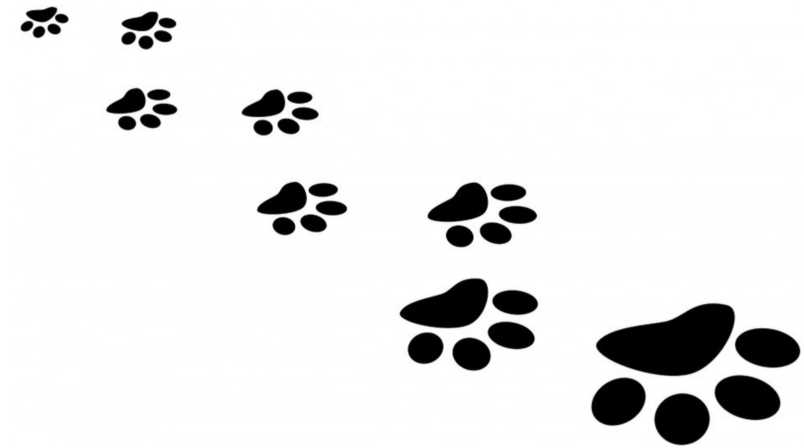
Frase

Ricardo Moncorvo Tonet
Amparo/SP

Gato na Janela

Vitória Santos

São Paulo/SP



Sob a luz amarela
Da lua encantadora.

Molhado pela chuva
Sem guarda-chuva.

O miado ecoa alto
Enquanto o pobre gato
Continua abandonado.





HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Afora o vinho
me desvia do Dharma
a mulher do vizinho



Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Quando passa dona Sofia
o papagaio disfarça
depois assobia



Histeria

Daguito Rodrigues
São Paulo/SP

Rasgou minha garganta e feriu o ar. Áspero e agudo. Como uma sirene que anunciava a emergência que explodia em mim. Um apito deselegante, chiado como o fôlego que me faltava. Minha vontade mesmo era de cagar na mesa. Mas o berro se bastou. Esbravejado da goela, irritante para os outros, mas um alívio para mim. Um grito. Desses não articulados, erguidos num alarido infernal. Descompressão.

A sala emudeceu. O gerente de não-sei-bem-o-quê cessou a fala. Powerpoint estourado na parede, notebook sobre a mesa. Faces voltadas para o estridente. Eu, que já não rosnava mais. Que encarava os rostos que abominava há anos. De olhos vazios como as palavras que vomitavam todos os dias. Eu estava enjoado e enojado de tudo aquilo. Números afiados que me cortavam os pulsos toda segunda-feira e que nada diziam. O que eu levava para casa? Náusea e asco.

Não acreditavam no que havia acontecido. Me fitavam por uma certeza, por um sopro de realidade que os convencesse de que estavam mesmo ali. E de que eu havia erguido a voz sem motivos.

Havia um porquê, eu sabia. Vinha me corroendo as veias mês a mês. Adormecido, mas perturbador. Gritei porque posso. E se posso, eu grito.

Soltei o uivo mais uma vez. Um falsete que eu desconhecia. Cortante e seco. Gritado do fígado consumido pelo álcool. O tal brado retumbante. Ressonava fino pelas paredes de compensado e pelo carpete cinza. Meu agudo fazia tremer as pálpebras assustadas que me julgavam. Rasgava a rigidez das camisas sociais listradas de azul e branco. E trincava o vidro esverdeado que

nos separava da rua.

Um tapa na mesa. Rouco e cavernoso. E o silêncio, enfim.

Chega! O diretor queria o fim do berratório. Que me calasse como sempre. Que mastigasse e engolisse a inquietude que me devorava. Não mais! Repetiu o diretor, bruto como meus gritos. Berrei de novo. Para irritar os ouvidos e atordoar de vez. Eu encarava o diretor de boca aberta e beiços largos, numa gritaria estridente sem fim.

A batida oca foi mais um tapa. Seguido do corpo erguido do diretor e a ordem repetitiva. Chega! Chega! Chega! E gritou também. Estendendo a última sílaba num longo rangido de fúria, mas também de desespero. O descontrole assusta. E ficamos os dois ganindo, frente a frente, enlouquecendo os que apenas aguardavam o fim de mais uma reunião. Os que ansiavam pelas conversas no café. Pelas piadas do fim de semana, pelas risadas sobre o happy hour da sexta anterior. Os jogos de futebol. A tentativa de convencer o outro de que haviam vivido. De que o sábado e o domingo não haviam sido em vão. De que a longa espera pela sexta-feira havia valido a pena. Mas quem vive de verdade?

Atordoada, a supervisora foi a primeira a tapar as orelhas. Largou a caneta e abraçou a surdez, com as mãos na cabeça. O estagiário, tímido, preferiu os dedos indicadores. A gerente deixou fugir um riso acuado. O superintendente resistia a pegar o celular. Um vídeo, ou apenas um áudio. Seria a glória! O rei dos grupos de Whatsapp. Sem registro ninguém acreditaria. A reunião de segunda havia se transformado em La Salpêtrière.

Trégua. Estanquei o berro. O diretor também. Paz. Calma. Busquei o ar abafado da sala lotada e tomei um novo fôlego. Devolvi o vento num som agudo, gritado ainda mais alto. CHEGA! E o diretor me acompanhou de novo, alargando a última sílaba com os olhos rachados em veias vermelhas. Uma sinfonia rosnada camuflada de balbúrdia.

Em estalos, a barulheira cresceu. A supervisora se juntou à orquestra, serrando o ar num desafinado azedo. A gerente gargalhou, esparramando os cacarejos descontrolados pela sala. O estagiário latiu pesado. Urrou no mesmo tom da secretária, que antes calada agora acompanhava a gritaria.

O superintendente era o único em silêncio. Já tomado de coragem, firmava o celular nas mãos e gravava a histeria. Eu, cansado, observava. Na mente dele, tenho certeza, apenas a hora do café. O time dele havia perdido. Dali a pouco, o diretor de RH cruzaria com ele na copa. E, numa explosão de originalidade, zombaria: e o seu time, hein?

https://daguitorodrigues.com



Identidade

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

Regina era uma mulher aparentemente forte e destemida. Com seus 35 anos, ainda mantinha seu corpo esbelto e juvenil.

Por onde andava, Regina despertava olhares, seja de cobiça, interesse, inveja, ou simplesmente, curiosidade. O fato é que, nunca passava despercebida e sabia exatamente disso.

Vivia uma vida de aparências, era deslumbrantemente linda.Quem via a sua aparência, jamais poderia supor a sua essência.

Por ser uma pessoa vazia, desprovida de crenças religiosas, fé, conhecimentos acerca da realidade em que a cerca, buscava de todas as formas alimentar a curiosidade das pessoas, fazer com que a achassem interessante, além do que realmente era, como se fosse possível enxergar sua alma, através de uma simples máscara.

E assim, ía conseguindo o que queria: amigos, vida social, namoros. Ela queria sentir-se amada, importante e tinha a sensação de que conseguia, mesmo percebendo depois que as pessoas não poderiam gostar dela pela sua essência, pois nem ela mesma sabia qual era.

Tentou encontrar Deus, buscando-o em várias religiões, acreditando que assim preencheria esse vazio que existia dentro de si, e que assim construiria sua própria identidade.

Em cada religião procurada, existia um Deus, ora ela se encantava com um, que era o Deus do amor, ora decepcionava-se com outro, que era o Deus vingativo e assim foi passando o tempo e ela conhecendo em cada canto, um Deus....Deus da guerra, Deus da paz, da dor, da consolação e chegou a conclusão que não seria Deus também o responsável pelo sentido, cujo o qual, ela procurava dar à sua existência..

As amizades iam-se embora, cada vez que absorviam de Regina o que era necessário no momento para satisfazer seus próprios anseios. Namoros,ela não sabia valorizar-se para ter o direito de exigir respeito e amor. Sabia cobrar, mas não sabia dar motivos para que optassem ficar ao seu lado.

Olhava as pessoas ao seu redor, tinha esse costume de observar pessoas,

para ver se entendia o motivo da alegria ou infelicidade dos outros.Tentava encontrar nos outros a sua própria identidade.

Observava os casais, os amigos nas baladas, em barzinhos, a família quando estava unida,tentava encontrar seu lugar na sociedade. Chegou a conclusão, depois de muito observar e errar, que se encontrasse um marido, tivesse um lar, filhos, uma vida familiar mais unida, conseguiria encontrar a felicidade e conseguiria encontrar a si mesma.

Viveu o que acreditava que seria sua salvação. Teve um casamento lindo, com quem amava, teve filhos lindos e uma suposta felicidade invadiu seu ser de tal forma que ela pensou que seria para sempre - como todo final de história infantil.

Não demorou para perceber que não poderia encontrar no outro o que faltava em si mesma.

A família construída preenchia uma parte da vida de Regina, com tanto amor que ela nem julgava merecer,mas e o restante, a outra parte, o vazio?Era preciso conhecer a si mesma para retribuir esse amor, era preciso amar-se antes de oferecer amor.

A angústia por não saber porque veio ao mundo, o sentimento de inutilidade, a solidão, mesmo em meio a multidões, a infelicidade de querer fazer os outros felizes, mesmo ela não sendo, o medo de não conseguir ser alguém na vida, a incerteza de continuar buscando caminhos que sabia que estava errado, já a estava desgastando por completo.

Regina andava pela rua, meditando sobre os acontecimentos da sua vida, procurando encontrar sentido na sua história, buscando no passado algum fato que justificasse tantas incertezas.Não encontrou no marido a sua metade, não encontrou na religião o Deus que julgava existir, não encontrou nos filhos o instinto de viver e morrer por eles, não encontrou a sua essência.

E, caminhando lentamente sobre o seu apartamento no 11 ° andar do prédio, foi percebendo que nada valia a pena quando não se tinha uma identidade, quando não se sabe o que falta em sua vida e quem se é de verdade. Percebeu que a beleza, só é importante nos primeiros 15 minutos, depois é preciso ter algo a mais pra oferecer.

Continuou caminhando, pensativa. Chegou ate a janela e pensou: " Se eu não tenho motivos para estar aqui, não é preciso que eu aqui esteja".

Pulou.

Ilha de Vera Cruz

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Barcos de fé ancoraram na baía
Velas portuguesas tremulavam.
Navegantes ambiciosos
Desenharam sonhos de pau-brasil,
De açúcar, de oiro e esmeraldas
Debaixo da linha dos Trópicos.
Tribos inteiras entregaram mãos inocentes
Até então livres e soltas na floresta imensa!
Anhanguera!!! Anhanguera!!!
Pesadas correntes de dor sepultaram almas sofridas
Que já não podiam erguer seus olhos
Para clamar na taba por tupã e jaci...
O pajé entristeceu apagando seu cachimbo
Esquecendo suas oferendas e premonições.
Enquanto isso, tambores amordaçados
Já não gritavam, nem batucavam.
Adormeciam calados nos bancos das escolas
Ou debaixo dos buritizais...
Aos domingos pintados de urucum
Adornados de penas coloridas de tucano
Nativos rezavam missas inteiras em latim!!!
"Et intrito al altare Deum"...

Individuação

Maroel Bispo

Feira de Santana/BA

Busca diariamente sua meta existencial:
A individuação.
É esse mistério último, no meio da vida:
O ápice da realização.
Ele faz o caminho não encontrado, nos traços,
Sem flores do seu passado.
Tentativas múltiplas de resgatar a singularidade perdida,
O eu abandonado.
Quadro pintado por ele, o homem de meia idade,
Num diálogo plural.
Lembranças da infância emolduram a tela cinzenta,
Sob tutela matriarcal.
Ambiguidade de valores e tensão, ele calado,
Ego ferido.
E assim, o ser agressivo que nele habitava, na verdade,
Queria apenas ser acolhido.

https://www.facebook.com/maroelbispo



Laço

Maria Ângela Piai

Capivari /SP

Traço por traço
Com Fita e com laço
Desenho e tranço
o poema em ti.
Os versos deslizam
em filetes de sangue
que colibrizam
tua cútis vibrante.
Tu és o caderno
onde rabisco
meus silenciosos berros.
Não são palavras mortas
e mornas arrumadas num papel.
São gemidos, arrepios e vozes
tua dor é meu cordel.
Vibra e treme, pois eis que te tornas
a forma cadente de sonoro poente.



Migrações

Cecy Barbosa Campos

Juiz de Fora/MG

Fugindo à morte
seguem homens, mulheres e crianças.
Velhos trôpegos também insistem
em continuar vivendo.
Prosseguem todos em indistinta
caminhada..
Para onde vão
carregados de passado
e desejosos de futuro?
Pergunta sem resposta.
As fronteiras se fecham
e rejeitados pelo mundo
não encontram morada.
Com fome e frio
continuam na busca,
em solidão conjunta.





Morada da Alta Sociedade

Israel Fox

Salvador/BA

Uma velha vida, vivida numa velha vila
Vazia mas lotada, aberta e sitiada
Vila cheia de si, vida cheia de mim
A cada instante me esvazio de mim
Na tentativa de adequar-me a ela

Maldita vila, cheia de desejos vãos
Maldita vila, sem amor no coração
Vila linda, sepulcro caiado eu diria
Vila intocável aos frágeis, inalcançável aos limpos
Uns caindo outros subindo, a custo de honra

Vila recusada por um poeta de alma falida
Vida recusada por um poeta de alma falida.



Mulher da Vida

Delson Borges De Araujo (Bebé)

Salvador/BA

Andei em passo vagaroso
Numa rua de bonde,
Estava angustiado, ansioso,
Vinha não sei de onde

Lembro, era estreita aquela rua,
Com muito antigo casario,
Mulheres nas portas, quase nuas,
Alugavam seus corpos por moeda vil.

Calçamento de pedra pouco reluzia
Das trêmulas luzes dos postes,
E a chuva caía fininha,
Eu entregue à própria sorte.

Minhas lágrimas e água do céu
No meu rosto se misturavam,
Lançando nos meus olhos um véu,
E ventos frios continuavam.

Meu coração cheio de amor batia
Junto com meu caminhar lento
Em harmoniosa sintonia;

Ouvia-se o eco trazido pelo vento.

Por ter uma vida esquecida
Questionei a minha existência,
O real sentido da vida
E aquela inútil vivência.

Lá adiante um colonial bangalô,
Parei, olhei para cima,
Na janela estava meu amor
Que eu tinha grande estima.

Ela era meu porto seguro,
O centro do meu mundo,
Dedicava-lhe um amor puro
Bem dentro da alma, profundo.

Subi escada de madeira velha,
A cada passo ela rangia,
Ela sofria com aquela espera,
Fazia tempo que não a via.

Ela abriu a porta, estava cheirosa,
Com carinho enlacei seu corpo,
Mulher sensual, menina mimosa,
Cabelo liso no ombro solto.

Sensível, mulher de vida livre;

Na vitrola o bolero de Ravel,
Na mesa dois copos de cuba libre,
Na janela namoramos admirando o céu.

https://wwwfacebook.com/delson.borgesdearaujo



O Drama da Surdez

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Villa Velha/ES

O que há de comum entre mim e *LUDWIG VAN BEETHOVEN* (o maior e o mais influente compositor da música clássica universal)? A inspiração poética que vem do íntimo e é revelada em nossas criações e a SURDEZ. Os primeiros sinais de ensurdecimento surgiram antes que nós completássemos 30 anos, custamos a assumir e foi impossível esconder porque era óbvio.

Minha mãe e minha irmã tinham este problema: é hereditário! Se eu tivesse filhos, alguns deles poderiam desenvolver esta deficiência. Gradativamente ia perdendo a minha capacidade de identificar o som e hoje se tornou grave, faço leitura labial. Assisto pouco à televisão (leio as legendas na tela mas, às vezes, são diálogos longos que não dá tempo para ver as cenas e cansa as vistas). Guardei minha coleção de CDs de músicas eruditas (só me resta fechar os olhos e resgatar em minha memória as maravilhosas sinfonias). Em casa escuto sons na rua e penso que é alguém gritando, entretanto ao abrir a janela vejo que são cachorros latindo. Ir a consultas médicas somente com acompanhante. Outros, sabendo que sou surda, quando me encontram preferem falar com a pessoa que está ao meu lado ou me evitam. E ainda há aqueles que torcem os lábios ou reviram os olhos para cima demonstrando seu desgosto ou os que perdem a paciência e encerram a conversa. Muitos não entendem que eu posso compreender ao olhar para os lábios e se atrevem a fazer comentários que jamais teriam coragem de dizer em minha presença, por exemplo: duas senhoras, uma falou para a outra: "Lá vem à surda!" Ah, agora fiquei invisível: sim, pois muita gente finge que não me vê e passa direto. O

ato de ter que repetir palavras provoca um transtorno sobrenatural!

Paciência é a virtude que consiste em suportar os males e incômodos sem reclamar, sem se revoltar.

Uso um pequeno dispositivo dentro e atrás da orelha direita e esquerda: eles emitem sons mais altos para que eu possa ouvir, comunicar e participar plenamente das atividades diárias. O aparelho auditivo é um simples amplificador de som e com ele eu ouvia bem; infelizmente chegou um dia que não servia para mim.

Notei a perda auditiva em 1998. Era secretária e sentia dificuldade para entender claramente e era necessário aumentar o volume dos fones do telefone. Deixei de atender telefone e falar pessoalmente com os clientes. O ar-condicionado ou o ventilador abafava o microfone do aparelho auditivo e dificultava a compreensão. Trabalhava nesta empresa há 26 anos (desde 1989) e em 2007 quando o problema se agravou, me senti ignorada, isolada, abandonada, quase sem serviço. Em minha profissão, dialogar com as pessoas é imprescindível e ergueram uma barreira diante de mim, quase ninguém tinha paciência para falar comigo, fugiam de mim. Fingia que havia entendido para não causar aborrecimentos. Estava começando a sentir dores de cabeça fortes contínuas e o médico me disse que era nervosismo. Fora do ambiente de trabalho, dos locais com ar-condicionado ou ventilador e olhando para quem fala, dá para "ouvir" satisfatoriamente. Porém, faço leitura labial de uma pessoa de cada vez e em grupo não percebo que há outros participando da conversa.

Sim, já chorei de tristeza! Mas, tenho senso de humor e quando ocorrem incompreensões e entendimentos equivocados, digo que sou a velha surda do antigo programa da televisão "A Praça da Alegria" (2001).

Alcancei o grau mais elevado da perda auditiva que é severa e profunda: de 100%, ouço 8%. Devido a isso, não há outro aparelho auditivo adequado

para mim. Existem outros melhores do que este que eu uso, porém muitíssimos caros e não auxiliam a ouvir perfeitamente: exercem a função de estimular os nervos da audição. Ouvir ruídos e vozes incompreensíveis com o aparelho que uso, é um consolo do que conviver com o silêncio total.

O implante coclear ajuda a perceber os sons sem compreender a fala. A pessoa não voltaria a ouvir normalmente, então esta última opção está descartada para mim, pois é a minha atual realidade.

Tentei aprender libras (língua de sinais), mas não consegui, pois sua gramática não se baseia na Língua Portuguesa.

Há uma diferença entre o surdo tímido e o extrovertido. Quem sabe se exprimir com clareza, descobre uma maneira de expressar suas ideias e continuar fazendo parte do mundo dos que ouvem.

As pessoas valem mais do que suas deficiências. Beethoven e eu tentamos lutar contra algo que era impossível mudar, mas a sensibilidade que habita em nós sobressaiu e não permitiu que nos deixássemos abater por uma situação que não havia como consertar: há muito mais em nós do que estes problemas inesperados.

Discriminar também significa assassinar a alma de uma pessoa, pois é no coração que o efeito é mais destruidor.

Quem deseja se sentir humilhado? Reflita sobre o que JESUS disse: *"Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam..."*. (Mateus 7:12).

https://www.rosimeiremotta.com.br/

O Quadro Dessa Gente

Edison Gil

Sorocaba/SP

Pintaram de cinza
o céu que era azul,
com uma tinta de fumaça
do norte até o sul,
também o verde
é uma cor que está ausente,
chaminé e asfalto quente,
é o quadro dessa gente!
O rio virou piada,
quem escuta não diz nada,
transformaram nossa água
no aposento da privada,
na beirada peixe morto,
num produto amarelo,
e quem vivia pela pesca,
hoje vive do martelo!
O estradão que era terra,
que foi rota de tropeiro,
atualmente está pintado
com a cor do desespero,
tem carro e moto,
carro de frete,
caminhão, caminhonete,
só não pode ter charrete!

http://fb.com/siredisongil

“O visitante”: sobre a alteridade e a construção de uma “família” não parental

Lúcia Magela

Monte Alegre do Sul/SP

Em tempos de xenofobia exaltada o filme “The Visitor” (*) nos encaminha a reflexões sobre o confronto com a alteridade e o respeito para com o “diferente”.



Nesse filme acontece um encontro (ou um confronto) entre o casal de refugiados clandestinos, Tarek Khalil (Haaz Sleiman) e Zainab (Danal Gurira) e o professor Walter Vale (Richard Jenkis). Walter é um homem americano branco, professor acadêmico, literato, com emprego fixo, boa situação financeira, proprietário de uma confortável casa em Connecticut e deste apartamento em Nova York, de um lado da questão. Do outro lado, um casal de clandestinos não brancos, ela, Zainab, senegalesa, já foi presa pela imigração e só foi solta pelo fechamento da prisão, quando libertaram as mulheres prisioneiras. Artesã, cria e fabrica bijuterias que vende, numa situação de camelô, numa banca na rua. Ele, Tarek Kalil, é sírio, músico percussionista, compõe e toca djembê, um tipo de tambor africano, apresenta-se em alguns shows e toca nas ruas.O casal, equivocadamente, invadiu o

apartamento do professor onde passaram a morar através de um "aluguel", sem contrato, arranjo feito por um amigo. Lá já estavam há dois meses, quando Walter chegou e ao abrir a porta percebeu que algo estranho acontecia, até ir ao banheiro e dar com Zainab dentro da banheira. O susto de ambos é grande, aumentado com a chegada de Tarek que agride Walter, pensando ser ele o invasor. Esclarecido o equívoco a saída do casal é a via normal. Situação que precisava logo ser resolvida e que gerou sentimentos de vergonha e subserviência nos clandestinos. A diversidade dos estatutos sociais de cada um deles demarca a intransitividade nas relações.Até então, além do susto, Walter é a imagem da indiferença sobre o futuro do casal. Não demonstrou nenhum sentimento e aceitou, sem hostilidade, mas também sem condescendência, o engano e a saída da dupla. Walter é um sexagenário enviuvado, com uma vida tediosa, não gosta do que faz, leciona apenas um curso ao qual não se dedica, justifica suas parcas atividades docentes pelo tempo que precisa para escrever seu quarto livro, mas também não usa o tempo livre para isto. Como revelará mais tarde finge que está ocupado, finge que trabalha, finge que escreve. Tentou estudar piano, (sua esposa era pianista), mas não tem nem aptidão nem apetência por esta atividade. Sua quarta professora propõe até lhe comprar o piano, porque ele parece propenso a desistir. É significativa a metáfora usada por ela para mostrar a posição correta das mãos no teclado "dedos dobrados como um túnel (...) dê espaço para o trem passar através do túnel". Walter não entende a metáfora, ele é um homem intransitivo, pouco propenso a qualquer fluidez, suas mãos não abrem passagem, seus dedos estão esticados sobre o teclado. Veio a Nova York, a contragosto, para apresentar um trabalho que, aparentemente, teria escrito com uma colega, agora impossibilitada de vir. Ele titubeia, procura desculpas para evitar esta viagem porque, na verdade, não o escreveu, apenas assinou junto com a colega e se sente incompetente para fazê-lo. Seus argumentos, todavia, não são convincentes e ele se vê obrigado a comparecer.Nos é revelado então um homem envelhecido que não se interessa nem mesmo pela sua própria vida, que não tem nenhuma razão para lutar por ela. Como esperar dele sensibilidade para se preocupar com a vida de seus semelhantes, sobretudo, quando estes outros não são assim tão semelhantes? O que ocorre neste encontro é apenas um incidente de percurso. Esperava Walter chegar ao seu apartamento de Nova York, cansado da viagem, encontrar um lugar onde pudesse dormir e amanhã rumar para o malfadado congresso. É de incômodo e

de desconforto o encontro inesperado com o casal. Problema que se resolve rapidamente frente a nenhuma resistência dos clandestinos em reconhecerem o erro, providenciarem a imediata arrumação de seus poucos objetos e deixarem o apartamento.Todavia, esquecem para trás um porta-retratos, com uma foto dos dois. Walter, sabe-se lá movido por que razão, talvez até para se ver livre das tralhas do dois, vai até a rua para entregar o porta retratos, vê que eles estão ao léu e convida-os a permanecerem no apartamento até conseguirem outro lugar. A partir dessa iniciativa, aparentemente filantrópica, a indiferença e o incômodo de Walter começam a se transformar em empatia. Zainab faz o jantar, e convida Walter a jantar com eles. É cerimoniosa a partilha dos espaços. Tarek já tinha comparecido ao serviço de imigração, pediu o visto de permanência como refugiado e aguarda resposta estando agora na situação de clandestino. Ele ensaiava sua percussão quando é surpreendido por Walter que retorna de mais uma seção do evento. O músico se desculpa por estar tocando e sem calças e Walter lhe diz que não precisa parar de ensaiar, demonstrando que está assegurado a Tarek um território, não só físico, mas também simbólico. Interessa-se pela atividade do músico que como Walter aprecia a música clássica. Uma primeira experiência comum – a música – estabelece aquilo que pode ser chamado de "união em pontilhado", uma tênue redução das idiossincrasias. Tarek o convida a pegar um tambor e também experimentar tocar. A princípio receoso Walter arrisca-se a uma percussão, batendo forte, ao que Tarek orienta para que seja mais leve, pois ele "não está com raiva do instrumento". Walter esboça um primeiro sorriso. Ele acompanha Tarek numa parceria meio desajeitada e, aos poucos, vai sendo seu companheiro pelas ruas, já se soltando mais, tocando nas praças, carregando nas costas o instrumento, embora ainda de terno e gravata. A relação estabelecida já não é só de generosidade, mas sim de camaradagem. Pode-se reconhecer, entre eles, uma certa familiaridade que torna a vida mais tolerável. Zainab, é ainda muito arredia, intimidada pelo convívio recente com Walter. As diferenças existem e não são ignoradas pelo trio. Sabem-se diversos, a assimetria é marcante, mas agora não apenas se suportam. A alteridade os aproxima num caráter complementar. Tarek e Zainab tem abrigo e um amigo. Walter percebe que o piano pode não ser seu instrumento ideal. Tocar com Tarek está imprimindo mais leveza e cor à sua vida desbotada. Walter batuca o compasso da percussão no carro, quando está na escola, marca com o corpo, numa gestualidade que dispensa o verbal. Já se pode

notar certo investimento afetivo na relação do trio, uma partilha afetual que alicerça uma certa arquitetura social.Tarek é preso ao atravessar com Walter uma roleta de metrô. Ambos carregam tambores, estão juntos, mas Walter é um americano branco e Tarek um tipo não americano. Todas as tentativas de intervenção de Walter junto aos guardas são rechaçadas e ele é avisado para não se meter ou vai preso também. Os atributos de Tarek denunciam, obviamente, sua estranheza na sociedade americana. Embora Walter tenha características que podem ser percebidas como desejáveis e integradoras, o fato de estar ao lado de Tarek, procurar intervir para evitar o constrangimento e a prisão, são suficientes para colocá-lo do lado estigmatizado. O estigma espalha-se, respingando também naquele que está próximo e solidário. Daí a ameaça que Tarek representa, também para seu pretenso protetor.Começa a cruzada de Walter para libertar Tarek. Ele conserva, de início, a calma que lhe é própria. Visita Tarek na prisão, contrata um advogado especialista em causas de imigração, consola Zainab que está assustada e, finalmente, vai abrigar e proteger Mouna Kalil (Hiam Abbass) que, sem notícias do filho, empreende uma viagem de Michigan para Nova York. O tempo vai passando sem que Tarek seja libertado. Toda a insensibilidade do sistema demonstra a inutilidade dos esforços de Walter e as restritas informações concedidas às visitas são exasperantes. Tarek reclama com Walter das condições do centro de detenção, do isolamento, do silêncio sobre as razões de sua prisão e da falta de expectativas de ser libertado. O excluído não tem direito a voz, não se faz dele uma escuta, porque o estigma reduz o indivíduo àquilo que se convencionou chamar de imperfeição. A presença de Tarek nos Estados Unidos, sem documentação adequada, faz dele uma espécie de negação da ordem social. Uma vez que não cumpre as exigências para o convívio social legal e também não é reconhecido o seu direito de exercício de sua diferença. Agora, dentro de uma "instituição de sequestro", como Foucault se refere às prisões. Formalmente excluído de uma sociedade onde habitava irregularmente, em nome da normalização é categorizado como ilegal, portanto, inapto ao convívio naquela sociedade. Assegurar a normalidade dentro do sistema é oposto ao desafio da diferença. Em que Tarek pode ser visto como uma ameaça social? Esta questão não se coloca, não é relevante. Dentro de um sistema de paranóia persecutória depois do 11 de setembro a xenofobia é o comportamento padrão.Mouna demonstra toda a determinação e dignidade em só aceitar, diante da insistência de Walter, o abrigo em seu apartamento. Ela

não admite a idéia de sair de Nova York enquanto o filho não for libertado, mesmo não podendo ir visitá-lo. Envia bilhetes que Walter mostra para Tarek durante as visitas, fala com ele algumas vezes por telefone e vai conhecer Zainab. Estranha que a namorada de Tarek seja "tão negra"! Os atributos de Zainab, negra e senegalesa, também ensejam a exclamação de Mouna. A negritude se coloca como uma singularidade que gera a estranheza mesmo naquela que também sofre a segregação. Mouna convida Zainab para um chá, mas não há ninguém para ficar na banca de bijuterias... Essa tarefa sobra para Walter que nada conhece do ofício, mas até arrisca algumas informações aos compradores sobre as mercadorias. Já não se trata só de uma manifestação de empatia ou solidariedade. Neste microcosmo relacional os quatro compõem, com suas diversidades, um "cimento social" que funda uma unicidade, um "nós". Apesar de todas as diferenças ou, talvez em razão delas, estão irmanados no apoio mútuo e na libertação de Tarek. Quando Zainab diz a Walter que nenhum homem tinha sido libertado da prisão que ela conhecia, Walter lhe assegura: "Nós vamos libertá-lo. "

O espírito de *proxemia* que caracterizava, na Grécia antiga, apoio e hospitalidade pública prestada ao estrangeiro, inaugurado na partilha do espaço-tempo, cria um enraizamento antropológico que os une com mais força do que laços de consangüinidade. Eram estranhos, diversos em tantas particularidades, atravessaram as suas dissemelhanças para um ser-estar-juntos, fundando a negociação com a alteridade. Esta agregação social, formada agora por estas quatro pessoas, nasceu de uma efervescência circunstancial – o equívoco da ocupação do apartamento. Deste fato é possível observar uma importante regra sociológica: toda efervescência é estruturalmente fundadora, mesmo quando caótica. Juntos eles estão, cada qual em maior ou menor grau, inaugurando uma nova família não parental.Um código de honra nesta nova tribo é a ajuda mútua, as vezes não dita, a selar o laço social. O constrangimento é ritualizado em diversos momentos e pode ser observado: Zainab faz o jantar e convida Walter a partilha-lo; Walter cuida da banca de bijuterias para que Zainab possa ir tomar um chá com Mouna; Walter compra comida chinesa e convida Zainab que não aceita, mas ele diz que vai deixar na geladeira, para no caso dela mudar de idéia; Mouna limpa os vidros das janelas do apartamento enquanto Walter esta viajando, organiza o espaço e compra o jornal para Walter; este traz para Mouna o jornal sírio, juntamente com o seu; Tarek empresta o tambor e estimula Walter a tocá-lo, lhe dá as

primeiras lições, convida-o para almoçar um churrasco grego, lhe presenteia com um CD de percussão, propõe a Walter tocarem juntos numa estação do metrô e dividirem os lucros, pede a ele que não se esqueça dele na prisão; Mouna pede a Zainab que a leve a lugares onde ela e Tarek gostavam de ir; Walter arrasta pelas ruas o carrinho com as bijuterias de Zainab para que ela possa conversar mais livremente com Mouna. É com muita animação que Zainab mostra para Mouna a Ilha de Manhattan, o lugar das Torres Gêmeas, a estátua da Liberdade. Mouna se interessa pelo trabalho de Walter, faz-lhe perguntas sobre o evento e mesmo longe, já em Connecticut, Walter telefona para Mouna para se inteirar se tudo vai bem. Pequenos e grandes gestos de cortesia, atenção e afeto a demonstrar que os jogos da proxemia se organizam como nebulosas policentradas que ora aproximam ora distanciam, num ritual que, com toda a dinâmica da difratação, constrói um território simbólico de pertencimento.Walter propõe sair com Mouna, quer fazer-lhe uma surpresa – levá-la para ver o "Fantasma da Ópera", que ela tanto se interessa. A partir daí a ritualística entre eles já se põe como uma aproximação romântica, cerimoniosa. No jantar que se segue é interessante notar na confissão de Walter sobre suas pretensas ocupações, quando se desculpa com Mouna pelo embuste e ela lhe pergunta o que faria se não fosse professor. Walter diz não saber e ela reconhece "que é excitante o não saber o que fazer".Ele, ainda intransitivo, apesar das últimas experiências, se coloca como a porta fechada, sem saída, entre o afeto desejado e a tensão da insegurança. Ela é a ponte que pode ligar o domesticado ao estranho, contida, mas não temerosa. Esta, como tantas outras pequenas tribos, são efêmeras, mas nem por isto deixam de amalgamar um forte investimento afetivo num estado convivial que parece destinado a ser perene. É assim que Walter agora desconstroi o estereótipo de sisudez, licenciado das funções acadêmicas, distante de sua nova "família", anda mais solto pelas ruas carregando o tambor que toca em Broadway-Lafayette St.



Obsessão

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

“Os espiritos influem sobre os nossos pensamentos e ações ?
-Muito mais do que supondes, pois frequentemente são eles que vos dirigem”- O livro dos Espíritos – Allan Kardec

Muito se tem falado a respeito da ação de espíritos desencarnados sobre o comportamento dos indivíduos portadores de algum vício.

Alcoólatras, fumantes, frequentadores das mesas de jogo e dos cabarés seriam alvo do ataque persistente dessas entidades que, por uma semelhança energética com suas vítimas, comprazem-se em desfrutar dessas atitudes perniciosas, tal como se eles próprios estivessem a realizá-las.

E por estarem compartilhando dessas práticas, tudo fazem para que o obsidiado permaneça atado ao mau costume.

Nunca acreditei nessa possibilidade, até que um amigo, etílico dependente me relatasse um caso pessoal.

Conta-me J... que, durante a adolescência, movido pela curiosidade e estímulo de colegas, tomou contato com as bebidas alcoólicas.

A princípio, notou que eram bastante diferentes de todas as que havia experimentado. Em alguns casos eram até mesmo desagradáveis, mas o efeito resultante era compensador, pois deixava-o relaxado e eufórico.

Tendo fisiologicamente se acostumado com a nova substância, passou a "beber socialmente".

Seguindo o curso normal da vida, casou-se, constituiu família, estabilizou-se profissionalmente.

Porém, acentuando o hábito da bebida, passou a consumi-la diariamente, nas mais variadas formas e horários.

Gradativamente essa dependência começou a trazer-lhe uma série de problemas.

O fígado já não suportava tanto trabalho para metabolizar a nociva substância e já dava sinais de esgotamento.

As tarefas no emprego ficavam incompletas devido à falta de concentração provocada pelo uso do álcool no horário de expediente.

Teve que responder a um processo por atropelar um pedestre dirigindo embriagado.

Mas o que o fez procurar algum meio para refrear o vício foi a ameaça que lhe fez a esposa de separar-se dele, ao constatar que o matrimônio estava a ponto de desmoronar.

A partir daí buscou ajuda médica e psicológica, mas pouco sucesso obteve nessas tentativas.

Quando alguém do seu círculo de amizade comentou que deveria recorrer a um centro espírita, ele se insurgiu:

-Mas como? Não acredito nessas coisas !

A esposa, que já não suportava mais a situação, deu-lhe um ultimato:

-Ou vai ou eu te coloco numa clínica para dependentes químicos.

Resignado,concordou.

No centro espírita, depois de passar por uma triagem, foi-lhe recomendado um tratamento de desobsessão.

Durante as várias sessões, através de trabalhos mediúnicos, constatou-se que ,além de espíritos que apenas se afinizavam com o seu hábito deletério, havia um que, muito prejudicado numa encarnação anterior, a ele se vinculara, tudo fazendo para vê-lo afundar-se nesta vida.

Para demovê-lo de seu intuito vingativo, os instrutores doutrinaram-no a ponto de obter dele o perdão das faltas cometidas pelo obsidiado.

Este, por sua vez, fortalecido pelas instruções morais recebidas durante o tratamento, conseguiu erradicar o seu hábito malsão.

Com a abstinência e a prática de atitudes saudáveis na alimentação e atividade física, recuperou-se na saúde, no trabalho e no relacionamento familiar.

A sua aversão ao alcoolismo cresceu tanto que, sempre que pode, aconselha insistentemente aos "bebedores sociais" ou inveterados a largarem definitivamente o hábito, utilizando para isso os mais variados argumentos e justificativas, beirando a inconveniência e a irritação.

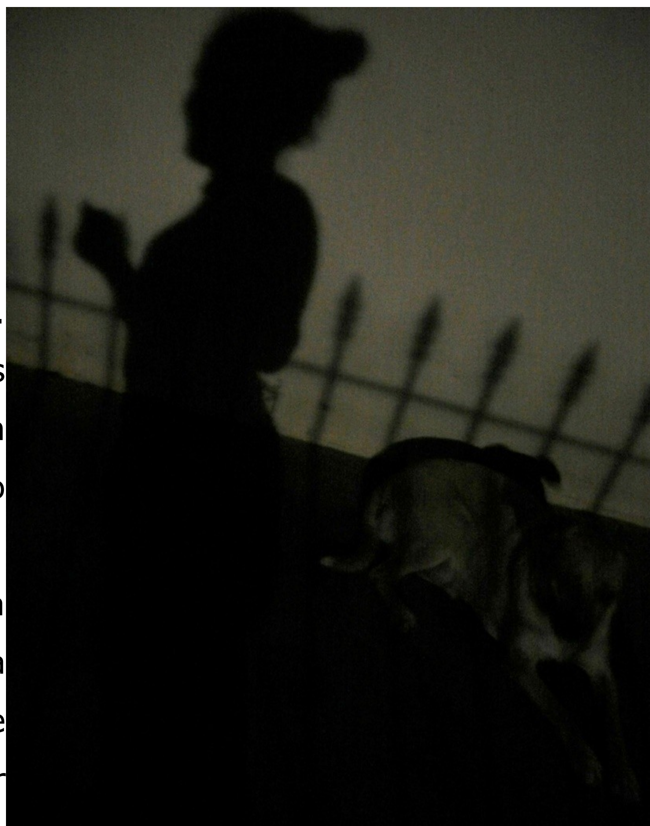
Em função disso, sempre que o vejo aproximar-se de nossa roda de amigos e estou a bebericar um simples copo de cerveja, me afasto para não ter de ouvir sermões, lições de moral e outros que tais.

J... tornou-se, ele próprio, um obsessor em vida.

Ofélia

Caroline Fortunato

São Paulo-SP



Ofélia era uma jovem muito romântica.

Contava 15 anos e adorava histórias de romance. Estava sempre lendo um livro, assistindo a um filme ou série do gênero. Músicas, então, nem se fala!

Era um sonho bonito, mas com muita sobrecarga da idealização. Aguardava ansiosamente pelo dia em que se casaria com o homem que a fosse fazer muito feliz, que lhe daria filhos etc. Tivera uma paixão certa vez não correspondida.

Sofrera deveras, com a certeza de que jamais seria feliz novamente – pois se quem ela tinha certeza de que era "o cara" não havia vingado, então seu destino já estava definido e claro.

Mas isso fazia algum tempo. Incrivelmente ela se recuperou, criou interesses em outras pessoas e agora, curiosamente, aquele rapaz já não tinha nenhum encanto. Ela tentava procurar o que vira nele, mas definitivamente não encontrava. O cara parecia bem babaca aos seus olhos atuais.

Ofélia era de uma família rica, sempre tivera proteções sociais – em muitas áreas. Em um mundo fechado, não possuía muito contato com a realidade, e talvez por isso fosse tão inocente. Ela era muito corajosa na expressão de seus

sentimentos e sensibilidade, e a estes só faltava uma pitada de realismo.

Após ler uma peça que a marcara muito, Ofélia estava com uma mania, nos últimos dias, de ir sempre, no fim da tarde ao final de suas aulas, a uma praça que ficava perto de sua escola. Assistia ao pôr-do-sol e, tal como na história em que lera, acreditava que um dia – e tomara que rápido – o grande amor de sua vida apareceria ali, se encantaria com a visão dela e viria conversar.

Um dia um homem senta-se ao seu lado despertando-a de sua imaginação solta após alguns instantes distraídos. Ela sobressalta-se. Era um homem na casa dos trinta anos.

- Você tá esperando alguém? – ele questiona.

- N-não – ela se sente muito vulnerável.

- Hum. Sempre te vejo por aqui – começa a acariciar seus seios. – Achei que pudesse querer uma companhia.

- Obrigado, moço – levanta-se de um salto. – Mas preciso ir pra casa. Meus pais estão me esperando e...

- Você disse que não estava esperando ninguém – levanta-se também, agarrando os pulsos da garota com força. – Vem cá, vou te mostrar uma coisa.

A arrasta para trás de uma gigantesca árvore enquanto ela tentava protestar.

A praça estava deserta. E se alguém passara por aqueles arredores naquele momento, certamente ouvira gritos.

Gritos de pavor, de tristeza e humilhação.

https://www.facebook.com/people/Caroline-Fortunato/100003905457998

Pai, Te Escrevo

Hilton Görresen
Joinville/SC

Eu estava no serviço quando o plantonista do hospital me ligou:
– Sinto muito, mas seu pai não resistiu. Acabou de falecer.
O velho estava internado há uns três dias com sintomas de fraqueza. Teve uma parada cardíaca. Juntei a papelada espalhada em cima da mesa, coloquei tudo na gaveta e fui avisar meu chefe que precisava sair.
No hospital, me conduziram a um pavilhão anexo, amplo, silencioso, de paredes brancas. Em cima de uma maca estava o corpo do velho embrulhado como se fosse uma múmia. O funcionário tirou o pano do rosto e pude ver aquela imagem rígida, esbranquiçada, o bigode branco sobre uns lábios murchos, parecia uma estátua de mármore. Do rosto magro, ressaltavam as orelhas com pelos no interior. O corpo estava nu por baixo do tecido. O funcionário fez menção de tirar todo o pano, eu o detive. Ver o corpo nu de meu pai seria para ele humilhante; eu o sentiria menor, desprotegido, ali naquele espaço sem vida.Para falar alguma coisa, ele me disse o que mais se costuma ouvir nessas ocasiões:
– Ele descansou. Foi-se embora de repente, sem sentir nada. Morte bonita.
Liguei para uma funerária e tratei de tudo, depois contatei minha irmã no Paraná. Preparamos uma sala na frente da casa com ampla janela voltada para a calçada. A casa era baixa, geminada com outras. O telhado, de telhas coloniais entremeadas de tufos de mato, se derramava para frente.
À tardinha trouxeram o caixão, que foi depositado na sala. Minha mãe, quando viu o corpo esticado, com as mãos brancas entrelaçadas, como se fossem moldadas em cera, quase desmaiou.
– Ai, Epaminondas, o que houve com você? O que vai ser de mim agora?
Uma vizinha lhe deu um comprimido para acalmá-la e a colocamos sentada numa poltrona. A velha permaneceu ali, estática, os olhos no vazio, um pé da sandália esquecido no chão à sua frente. Fui buscar minha irmã e os filhos na rodoviária. Na passagem, comprei pó de café, leite, pão e mortadela para os que iriam passar a noite no velório.
O tio Juvêncio chegou falando alto, já havia tomado umas e outras no caminho. Irmão da mamãe, era excelente pessoa, mas não sabia enfrentar um

golpe sem apelar para a bebida. Quando exagerava no copo tornava-se inconveniente. Era padrinho da Helô, minha irmã, e já foi beliscando a bochecha de meu sobrinho menor. O garoto se assustou.
Com tudo em ordem, esperamos a chegada do pessoal para a vigília. Papai era muito conhecido na cidade. Havia sido atleta e presidente do Sport Club Luzeiro, o time mais antigo do lugar. Tinha se aposentado como funcionário da prefeitura, onde lidava com os diversos tipos de público. Sua fina educação – a voz cordial – e seu modo compreensivo de atendimento tinham lhe carreado grande admiração, principalmente dos mais pobres.
Às nove horas da noite, algumas beatas, amigas da mamãe, se reuniram de mãos dadas em torno do caixão e fizeram uma oração, acompanhada por todos. A sala estava repleta de pessoas; encostados à parede, no lado de fora, dois ex-colegas de serviço do velho fumavam em silêncio. Curiosos paravam em frente da casa e espiavam pela janela. Um velhinho atravessou a porta e veio perguntar: é o Seu Epaminondas da prefeitura? Que Deus o tenha.
Será que o pai estava vendo de algum lugar a homenagem que prestavam ao seu corpo nesse limiar entre a presença ainda acesa e o eterno desconhecido? Ou sua vida havia estancado ali mesmo naquele corpo magro e branco?
Ali pelas onze da noite permaneciam apenas umas seis pessoas. Minha mãe e a mana tinham ido dormir. Tio Juvêncio havia encontrado na cozinha uma garrafa de cachaça com butiá e, de bicada em bicada, já andava de olhinho fechado, os gestos lentos. A viúva Vicentina, nossa vizinha, narrava com feição compungida a morte e os sofrimentos do marido, coitado, que Deus havia levado cedo. Me postei ao lado do caixão e fiquei observando, como se fosse pela primeira vez, as pintas arroxeadas que lhe cobriam as mãos, o nariz alto e largo que se destacava entre pétalas de flores, as manchas na testa, os cabelos ralos.
De madrugada, me sentei num banco na pracinha em frente à casa. Me sentia sem jeito diante da morte de meu pai,não sabia onde colocar minha dor. Na última hora, no último adeus, acho que não ia saber nem onde colocar as mãos. Era a primeira vez que enfrentava tão de perto morte na família. Sua morte me trouxe estranhos pensamentos: o que sabia de sua vida, de sua infância, de sua mocidade? Quais seus sonhos, seus desejos escondidos por trás da postura comedida?
Via-o, neste instante, sair da foto antiga da sala, ainda menino, e imaginei sua infância indomável, a preparar pescarias e caçadas, ou mesmo outras

brincadeiras de menino antigo, que hoje nem sequer conhecemos.
Só então me dei conta de que não o conheci o suficiente, que nunca pude entrar na intimidade desse menino que teria me ensinado coisas surpreendentes, talvez até essa liberdade que perdemos, a cada dia, soterrada nos formalismos da vida.
Comecei a ter saudade desse tempo que não vivi, do tempo de meu pai. Era certamente um tempo diferente, sem prédios, sem carros, sem a extrema violência atual. Imaginava um menino de calças curtas – como no retrato da sala, envelhecido, já quase descorado –, fabricando pandorgas, mergulhando nos rios, rodando pião, indo à escola de pés descalços, com seus cadernos, penais, livros de tabuada, talvez um estilingue no bolso. Essa infância longínqua que não adivinhamos nos velhos.
Imagino um jovem magro e ágil, atleta do velho Luzeiro, com calção e camiseta sem manga. Um moçoilo de bigodinho aparado, todo frajola, nos bailes do Clube Estrela do Mar, rodopiando valsas e polcas; parado na porta de confeitarias enquanto passam na rua, em bandos, as moças de vestido comprido, bocas pintadas em coração e chapéus de todos os tipos. Tempo de serestas, de filmes mudos nos cinemas, de regatas na baía. E me veio um pensamento tolo: será que houve outras mulheres, outros amores, antes de minha mãe? Será que o velho tinha sido fiel no casamento?
O sentimento (ou a vergonha) de desconhecer meu pai, agora que jaz deitado no caixão escuro, ínfimo, encolhido como um legume murcho, me dói mais do que sua morte. Nunca nos sentamos numa mesa, numa praça, num bar, a fim de nos conhecer mais a fundo. Sabia de sua presença, seus gestos, sua voz calma e pausada, mas a morte havia levado seu passado indecifrável. Eu o amara de um modo frágil, acanhado, sem abraços e carinhos, talvez por uma frieza ancestral, originária de nossas raízes germânicas.
Levantei do banco, entrei em casa; numa cadeira nos fundos da sala uma vizinha cabeceava de sono, outras duas conversavam baixinho. Peguei um caderno de capa dura, uma caneta e voltei ao banco. A luz do poste se irradiava tétrica, tristonha, nas pedras do calçamento.
Empalmei a caneta e iniciei, numa das folhas, com letra tremida: Pai, te escrevo...



Para Alguém Incrível

Aníbal Hiadgi
Juazeiro do Norte /CE

PAI
Peito de Aço Inoxidável.
Por dentro, maleável.
Ás vezes rigoroso,
Impaciente. É seu jeito.

Porta no peito a porta
Aberta com a luz exposta.
Incandescente. É perfeito.

PAI
Palavra agradável e imponente
Aviva os olhos da gente.
Impressionante é o seu brilho.

Presente? Tem, porém, simples.
A alegria é o embrulho.
Incha-me o peito de orgulho
Saber que sou o seu filho.



Pequeno Desabafo

Bruno Bastos Santos

Salvador/BA

Eu me pego fumando mais um cigarro, em mais uma tarde aleatória, com um senso de dever negativo, sem entender o que sinto, o que vejo, o que o mundo quer que eu saiba. A vida segue sempre parada, sem sonhos, com pequenos sonhos, com alguns objetivos que poderiam ser concluídos sem o menor esforço, caso o mundo não fosse mundo. As pessoas me enxergam como um simples vagante, como um ponto no meio de vários traços, como um medroso que não sabe o que é sentir. Sinto medo, sinto frio, sinto-me perdido. Acendo mais um cigarro, o tempo não passa tão rápido quanto antes e ainda assim corre, a carteira que antes durava dias hoje dura um dia, hoje dura apenas algumas horas, quem sabe quanto irá durar amanhã . Sinto algo, não sei bem o que sentir. Espero sentir algo, não sei se algum dia eu vá conseguir. Acendo terceiro cigarro antes de terminar de escrever esse pequeno desabafo, perdido no medo da morte, perdido em meio ao medo de estar vivo. Não sei bem como gritar, não sei nem mesmo se terei voz para gritar, apenas sigo com medo, sentado em uma cadeira, como em todos os outros dias, como será até o fim da minha vida, procurando espaços para me sentir um pouco mais confortável e quem sabe com um pouco menos de medo.

Perfeição

Valter Bitencourt Júnior
Salvador/Bahia

Olha a perfeição,
Rebolando,
Dançando,
Cantando,

Como se fosse uma rosa...
Olha a perfeição rosa,
Morta em sua direção como
O céu ao vento

Olha a perfeição tranquila
Beijando o relento.

Olha a perfeição vermelha cor
De guerra chorando a beleza...

Olha a perfeição como o sótão
Escuro; como a cortina da noite,
Suja; como o branco de um assento,
Visível; como a transparência
Do dia.

Olha a perfeição jogando tudo
Pra trás e se entregando ao seu
Inverso...

Olha a perfeição
Não está mas perfeita.

Perpétua

Aparecida Gianello dos Santos

Martinópolis/SP

História antiga. Crônica. Quem sabe, perpétua. Não. Isto não é um conto de horror como um daqueles que se via no Cine Trash. Até porque Perpétua vive, em algum lugar – no além-túmulo, sei lá... –, perpetuando o meu pouco juízo.

Gosto estranho bem que poderia intitular esta, mas Perpétua há muito tem assombrado minhas ideias, de modo que assim começo: Perpétua. Fora ela a culpada pelo meu estranho gosto. Sou do tipo que não pode ver um portão de cemitério aberto que vou logo entrando. Mas calma, não é para tanto. Não furto objetos, nem violo túmulos. Tampouco faço sessões, despachos ou coisas do gênero. Tudo bem, chega de suspense. Adoro ler lápides. Pronto. Falei.

A princípio, ainda na tenra idade, meu gosto era só pelas guloseimas deixadas nas catacumbas, especialmente nos Dias de Finados (tradição oriental, eu acho). Comia tudo o que encontrava, mas com uma pequena restrição:

– Só coma os embrulhados, e, antes, peça ao morto! – ralhava tia Maria.

Depois de algum tempo, já sabendo o bê-á-bá e não podendo mais conter o comichão do querer aparecer a qualquer custo (a boquinha já não queria só comida), era mirar numa palavra para dispará-la aos ouvidos todos que estivessem em volta. Trágico Finados, aquele. Foi quando a coisa toda começou e ela surgiu do nada me fazendo pagar de tolinha na frente dos mais velhos. Para tanto bastou que meus olhos fixassem naquelas discretas plaquinhas rentes ao chão, nos pés de cada túmulo. E...

– Perpétua, Perpétua, Perpétua... Credo, quantas Perpétuas enterradas aqui, neste mesmo cemitério!

Sério. Não houve nenhuma galhofa por causa dessa "pérola", tamanho bola de canhão, disparada pela minha boca-aberta. Apenas um...

– Pra saber do morto, leia a lápide, criança! – só isso. Pior. É como se até hoje eu ainda velasse as ditas em algum lugar secreto e sombrio da minha mente.

Juro. Eu realmente não sabia que "Perpétua" queria dizer outra coisa que não o nome do morto em questão. Nesse caso, da morta. Após o triste episódio, minha visão de mundo finalmente saíra do chão, o que foi muito bom, pelo que passei a dar mais atenção às lápides. E não deu outra: virou gosto. Perpétuo, eu desconfio.

Se para uns, dentre os frequentadores desse lúgubre universo, ir ao cemitério não é mais que uma penosa tarefa a ser cumprida, para outros, ironicamente, é o terror, a morte, o fim! Bobagem, uma hora vão e não voltam... Para mim, além de gosto e culto ao sagrado, visitar os mortos também é cultura. Ler lápides não só exercita minha gramática, como me põe em dia com a história local. E mais, de tanto calcular datas a fim de saber a idade exata de cada defunto, ando detonando na matemática.

Pois bem, por mais estranho que pareça, esse é o meu gosto. E gosto é gosto, não obstante me intrigue Perpétua... Ainda não encontrei – viva – nenhuma. Será que estão todas mortas?



Poema

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Quando voamos alto a cidade perder as referências, os detalhes, as pequenas dores,
A procissão apenas só pontos de luzes, as orações silenciam devido a distância,
O santo abandona o andor para apreciar a vista do alto,
Concentro minhas forças ao que foco os olhares perdidos, quero ajudar a mostrar os caminhos, almas sem rumos, sem céus e afastado do divino
Afluentes de rios perdidos desde a nascente, sem chegar ao rio principal,
A decadente saciedade, a fome burocratizada, formando linhas contenção de diretas aos corações aprisionados
As garras da geometria que crescem proporcionais aos fatores de entregas
Das torres mais altas resisto aos clamores do banal, da mesmice que mistura tudo como uma panqueca de mingau de farinha mofada,
Os fantasmas participam da festa sem serem convidados, lambem os seios secos e as vulvas expostas, maquiadas de forma íntima, a servir de face com sorrisos de boca aberta em pulsações
De anúncios de portal rente às areias da praia, uma superfície
quase plana, geológica, uma fenda engolindo o sol
Recortava pequenos origamis em primeiro plano contra um fundo de céus escuro, mas a poética erótica se alastra feito aranha peluda, atrevida ao comer os machos, que mal têm tempo ao gozo
Nem tudo passa de fingimentos, mas do alto o amor é uma verdade maior, asas espalhadas a observações de águias, à procura de algo que escape ao ordinário.

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009691775123

Poema Normal

Gabriel Piazentin

Piracicaba/SP

Tu acorda, a vida te persegue logo cedo
Ou tarde
O que vier primeiro
Teu pior inimigo é o relógio
E ele sempre vence
Aí tua vida segue, aquela rotina
Os dias, os meses e os anos mal mudam
Não tem adjetivo nem palavra difícil
Tu não vive num poema amargurado
A vida é só fome
E sono e risada
E bad e Netflix
Ou youtube. Ou tv
Qualquer fugacidade
Viver é muito perigoso
Repete



Porão de Retalhos

Morphine Epiphany

São Paulo/SP

Gaiola dos murmúrios enterrados
Nenhuma fumaça intoxicando meus pulmões
Os hematomas no coração se apagaram
Em um amaldiçoado porão de retalhos meus,
trancafiada em máscaras flutuantes.

Os pêndulos eram carcaça de mutilado peito
e as farsas embutidas nas trevas, me acalentaram
O gás silencioso penetrava as narinas da morte
e os cacos ferindo as memórias, me iludiram

Cada caixa dilacerada no escuro (eram irmãs)
A fome dos apavorados ratos, minha agonia
Cada barata esmagada em sapatos, (companhia)
O sussurro das ruínas delirantes, em letargia

Entre lençóis de urina e escarlate, estou corroendo
Não existem fibras na gaiola dos esmigalhados amores
Entre corrosão de alma e asfixia, me sinta apagando
Ninguém percebe as cinzas das paixões desabrigadas

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias?ref=br_rs

Prosopopeia

Giordana Bonifácio

Brasília/DF

"Quem segue o coração é o pulmão, ninguém mais"
Carpinejar.

Um fim de tarde febril. Nenhuma nuvem passeava no céu. As árvores não sentiam uma mínima brisa soprar-lhes entre os galhos. Nas ruas, apenas cães vadios caminhavam felizes com sua liberdade, apesar de famintos e sedentos. Um bem-te-vi mentia em gritos agudos na varanda. O relógio da sala compassado, marcava, um tempo que não se podia reter. Quando badalou as seis horas, sereno e magnânimo, como os sinos da capela Sistina, o trem passou, cobra de metal que estalava suas articulações e soltava baforadas de fumaça que lhe seguiam o caminho. Maritacas barulhentas faziam algazarra nas árvores da praça, pousando ora em uma mangueira, ora no telhado das casas próximas.

Aos poucos, "as coisas" iam se assentando, o mundo desacelerava. Os olhos descansavam no pôr do sol. O coração sentia um tanto assim de melancolia. Saudades da época em que batia faceiro, sem amarras, tempo em que tudo era uma aventura. Mas agora, agora nem trota mais, é um músculo sedentário, só não para de vez porque não quer morrer. Quem seguiria tão covarde coração?

A rede balançava lânguida, ia de cá para lá, para fazer adormecer. Lá longe, roupas secavam no varal cheirando a amaciante e sabão em pó, esperavam estendidas que alguém as recolhesse. Senão, ficavam por lá mesmo. Se ventasse, pairavam sobre os muros até tombar na terra. Talvez, porque gostassem de embolarem-se sensuais na máquina de lavar. Calças enroscavam-se em vestidos sem qualquer pudor. Pervertidas!

O céu ia avermelhando-se, pois amava em segredo a lua. Era só ela chegar que ele enrubescia, depois trocava de roupa e vestia-se em black tie com um terno negro coberto de estrelas. A lua, com seu véu de luar, vivia a orbitar no

céu. Porém, nunca lhe deu muitas esperanças. Ela era uma celibatária convicta, não estava interessada em relacionamentos sérios. O céu sofria e, vez em quando, chorava estrelas cadentes.

As luzes dos postes abriam os olhos em um despertar em cadeia. Ficavam a perscrutar a vida da vizinhança, sempre a observar tudo. Fofoqueiras!

Na janela em frente, um cigarro queimava numa brasa incandescente. No escuro, era tudo que se via. Não queriam sair da escuridão os lábios que o amparavam. Melhor. O cérebro nem quer se esforçar para manter um papo inteligente. Ultimamente, fazia a boca tão somente resmungar contra o jantar frio, o barulho das crianças e o som da tevê alto demais. Melhor deixar o silêncio reinar sobre os ambientes. Mudo que é, não perguntava do encanamento da cozinha, não obrigava a pôr o lixo para fora ou levar o cachorro para passear. Por isso, é o amigo que todos queriam ter. Além de guardar segredo sobre tudo. Não abria o bico por nada!

Gatos de rua derrubaram num estrondo uma lata de lixo, rebeldes, não se espantaram com o ralhar das vozes nervosas. Só desistiram do seu intento quando uma sandália voou certeira em sua direção. Num miado forte, reclamaram de sua algoz e abandonaram a lixeira.

Um rádio começou a tocar uma melodia triste. Chorava de dor numa língua estrangeira.

O ambiente foi tomado por um cheiro de canja delicioso, cujo intento principal era abrir o apetite do estômago. E o corpo, ainda preguiçoso, levantou-se. Gigante desperto pela necessidade básica de comer. Iria em direção ao alimento. De dentro da casa, surgiu uma voz aguda e forte: “o jantar espera sobre a mesa da cozinha”. O homem, faminto, pôs fim a este conto: o estômago a tudo domina. “Quem segue o coração é o pulmão, ninguém mais”, já dizia Carpinejar. Vida que segue.



Quando o amor fala sem dizer nada

Nilde Serejo
São Luís/MA

Ah! lembro bem da aurora
Dias felizes á beira mar
Olhares fixos além do Horizonte
Lembranças de um tempo distante
Sobrevivendo às duras crises de amnésia
Um nada por um instante
Perdido e sozinho começo a chorar
No peito a dor e a amarga sensação de solidão
Corro, fujo de tudo, fujo de mim
Da minha sombra, das tristes lembranças
Que voltam a me atormentar
Sangra na alma a dor do abandono
Meus pés, já não os sinto caminhar
Uma cratera vai se formando
No chão dos meus pensamentos
Arrastando os bons momentos
Que aos poucos vão se perdendo ao luar
Me perdoe!
Já não lembro seu nome, sua face
Tudo que dizes é estranho
Mas ainda sinto que te chamo
Nas tardes de verão
E naufragado na escuridão
Me dá alento
Ter você aqui ao meu lado
Chora em silêncio meu coração.

https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/

Sobre Insônias e Cafés

Lucas Santos de Oliveira

Niterói/RJ

Perambula noite adentro, à espreita, à espera do deslize da racionalidade
Me perder no que acredito deve ser a forma racional mais louca de ser feliz de verdade.
Tenho a sede de dois desertos, e meu suor cheira a cafeína
Na agitada terra das ideias onde me jogo
Perder a cabeça é bom por que dá aquela adrenalina.
Que faz querer correr
Em busca do que ainda não sei
Mas que sei querer
Entre doses homeopáticas de autoestima
E inclinações intelectuais egocêntricas
Sou o que me tornei depois que li o que pensava
E descobri que diante do dia em que poderia pensar que tudo isso é inútil
Me refugio no pensamento de que
Pelo menos o que escrevi transitará na existência
Como num pacto com o tempo.



Sonata de Amor

Luiz Pereira

Brasília/DF

Menina eu quiria ter asas!
Pramodi prô infinito vuá.
E uma nuvi bem branquinha...
De entre as ôtra arrancá.
Uma nuvi que nem argudão...
Pra fazê dela um corchão...
Pra nois dois se agazaiá.

E com o orvaio da noite...
Eu fazê um cobertô.
Infeitado de anjim...
E arguns ramim de fulô.
Pra adispois de nois juntim...
Eu te niná cum carim...
Pra gente fazê amô.

E dibaxo do céu azul...
Cum as istrela a briiá.
Eu te inchê de bejim
Pra tua boca adoçá.
Enquanto nois dois grudado...
Naquele momento sagrado...
De amô se imbriagá.

E assim imbriagado...
Sintindo o coração zuado...
Cumo eco de truvão.
Eu te decrará uma poesia...
Cum a merma meludia...
Que faiz nois dois se amá.

Vô pedi a permissão de Deus...
Prus anjim pra nois cantá.
Fazeno uma grande festa...
Imbaxo da luz do luá.
Afrirmá procê eu posso...
Que um amô cumo o nosso...
Ninguém mais vai incontrá.

https://www.facebook.com/poeta.luiz

Tempo de Utopia

Bruno Ribeiro Marques

Divinópolis/MG

Covardia é não acreditar em nada
e enterrar os próprios sonhos no desértico útero da conformação.

Em tempos sombrios,
quando as descrenças bordam medos e discórdias,
as utopias tornam-se urgentes.

É tempo de tirar os sonhos do armário.

Incendiar as cavernas e os porões da alma
e derreter,
com as incômodas chamas da esperança
a bruta algema da opressão.

Ainda que a escuridão da ignorância se prolongue
a evitar a luz do dia
É tempo de vestir coragem
e arder o fogo da utopia.

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/

Tolerância

Vivi Lazarini

Pare de combater
Aquilo que não pode mudar .
Exercite a capacidade do respeito.
Tolerância também é amar.
Não importa qual seja a diferença,
Se de ideias ou valores, maneiras de pensar.
Sua atitude deve ser respeitosa,
Pois tolerar também é amar.
De que vale preconceito e guerra?
De que vale o diferente não aceitar?
Se da vida nada se leva.
E tolerar também é amar.
Só o afeto acolhe e constrói
Não duvide da sua capacidade de o outro afetar.
Afeto nos ensina tolerância.
Tolerar também é amar.
Tolerar não é diminuir-se.
Não é a cabeça baixar.
Tolerância é a arte da sabedoria
De ao outro, como é, aceitar.



Trapaça

Ramon Carlos

Florianópolis/SC

O tempo perdido, uma prostituta de fundo falso
Lowell, como um gambá, traçou minha garota
Mordeu minhas costas, roubou meus poemas
Fugiu acenando e confessou-se
Numa tribo que comia minhocas
Essa vizinha nova insiste em desligar meu ventilador
Enquanto durmo ao lado das latas de tinta
Ela diz que se quisesse ouvir um vento artificial
Teria sopro no coração ou uma buzina nos mamilos
Com um tiro de sinalizador dentro da boca
Reivindico o direito de ficar calado
Até que a sorte nos separe

O rabo do lagarto
Contorce-se mais solto
Do que unido
A sobrevivência preserva a toca
O rabo do lagarto
É um batom vermelho na ponta do alfinete
O rabo do lagarto
É a segunda descarga no banheiro público
Poeira e carvão no marfim inalado
Eu estive longe nessa semana longa
Absorvi o mínimo do ópio
Que as vozes viciam
Minhas cinzas grudaram nos dejetos
O tomate pela metade
Atirei nas costas do gato
Que cagava na sacada
Agora me faz falta

Um Abraço

Leandro Martins de Jesus

Itapetinga/BA

Dentro de um abraço
Cabem amor e saudade

Dentro de um abraço
Cabem desejo e vontade



Dentro de um abraço
Cabem alegria e tristeza

Dentro de um abraço
Não cabem incertezas

http://www.recantodasletras.com.br/autores/leandromj



Um Amor de Fantasia

Diôgo Santos
Abreu e Lima/PE

A dor me procura
Eu procuro a paz
Eu encontro a cura
Que aqui dentro jaz
Se amar é loucura
Vou enlouquecer
Se eu tô de frescura
Vou reconhecer
Se estou em pecado
Por ter me encantado
Se estou perdido
No amor proibido
Se eu vou viver
P'ra ver esse amor
Se é fogo te ter
Que o vento soprou
Eu não posso dar
O que tu desejas
Mas posso ofertar
O que tanto almejas
Talvez a luz vejas brilhar no regaço
Talvez a paz sintas num simples abraço
Será que tu sonhas
O que eu também sonho?
Será que estranhas
O que a ti componho?
Se renascerei p'ra te encontrar
Se me banharei nas ondas do mar
Ver no teu sorriso
O meu paraíso
Quero mergulhar
No teu meigo olhar

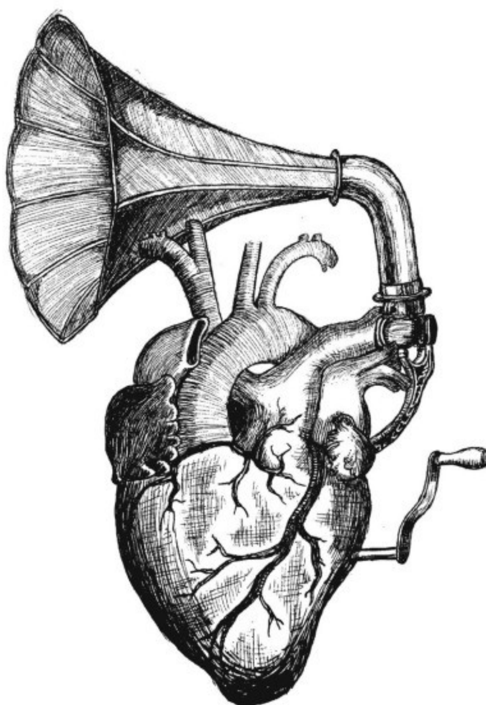
cantarerefletir.blogspot.com.br

Um Coração Imperfeito

Rodrigo Paladino
São Paulo/SP

Busco a chance de ao mundo mostrar
tudo o que em mim guardo com amor.
Mesmo que tudo tenha eu que arrancar
pra me acostumar com o vazio e a dor.

Sei que este que pulsa jamais será eterno,
apesar de frio por dentro o sinto queimar.
Até hoje, mesmo fraco sobreviveu ao inverno...
só perdeu muito tempo por ter medo de amar.



Vitória

Lenilson de Pontes Silva

Pedras de Fogo/PB

É claro que a vitória é linda
E a emoção é única
Todo mundo veem o quanto é linda,
Mas poucos conseguem agarrá-la fortemente...
E quase conseguem,
Ela está nos corações humildes
É claro que você verá
Ama o que faz?
Terá tudo para ser feliz...
E não a perca de vista
Está logo a sua frente
Tente e se reinvente
E tenha sempre em mente,
Que você nasceu,
Para ser feliz!



Projeto Latinidade Solidária Na Comunidade Da Maré No Rio De Janeiro

Aline Melo
Rio de Janeiro/RJ



O Projeto Latinidade Solidária surgiu a partir da iniciativa da professora de Espanhol Aline de Jesus, docente há 8 anos, do CIEP Prof°Cesár Pernetta, localizado no bairro da Maré. Seu trabalho na comunidade é muito reconhecido, pois a mesma é diretora e professora do Projeto Maré Latina, que oferece desde 2012 cursos de arte e cultura a pessoas carentes da localidade.

A escolha da personalidade latina, que seria o símbolo de nosso trabalho em sala de aula e apresentado em nossa mostra cultural, denominada "Caminho Literário", liderada pela articuladora Pedagógica Rose Maria e pela direção do Colégio, foi fácil, pois o cantor escolhido tem um vasto desempenho em ajudar trabalhos sociais. O cantor escolhido foi Enrique Iglesias, Nascido na Espanha, mas criado em Miami, Estados Unidos, hoje aos 42 anos, além de muito sucesso na música, acumula uma extensa lista de ajudas a projetos sociais, na área da educação, saúde e música. O projeto escolhido para trabalhar em sala de aula foi a sua doação em dinheiro e carinho as crianças carentes do *"Save the Children"*, em português *"Salve a Criança"*, Instituição que ajuda crianças carentes a terem acesso a educação, saúde e alimentos. Através de doações como a do cantor Enrique Iglesias isso torna-se possível. Enrique fala como se

sente ao ajudar aquelas crianças a terem acesso a leitura, escrita e a alimentos:
"Me siento feliz y esto me motiva mucho. Estoy muy agradecido de tener la oportunidad de ayudar de cualquier manera que pueda".



Henrique Iglésias



Símbolo da Fundação

Entrevista realizada com os alunos: a turma envolvida nesta entrevista é a 2002. Na qual realizei as seguintes perguntas aos meus alunos:
Vocês ajudariam como o cantor Enrique Iglesias algum projeto social?
Ou já ajudou alguma pessoa?

Uma das respostas e ações sociais escolhida por mim:

- A da aluna Dayana Gomes, ela realiza doações de roupas a cada 15 dias em sua igreja e doa quentinhas uma vez por semana na igreja em que sua mãe frequenta, estas doações vão para pessoas necessitadas da comunidade.
- Outra aluna que me impressionou muito com o seu gesto de

solidariedade foi Vivian Silva, que cortou os cabelos e doou para o hospital do Câncer. Além de levar carinho e brinquedos para as crianças em tratamento.

- As alunas Thuany e Karina também fazem doações de roupas a pessoas carentes.
- Já os alunos Raphael e Victor se comprometem em ajudar os dependentes químicos com alimentos.
- Os demais alunos falaram que ajudariam e se sentiram motivados pelas boas ações do cantor Enrique Iglesias, mostrando interesse em ajudar o próximo, então escolhemos a boa ação da aluna Dayana e fizemos uma doação de alimentos, para moradores carentes da comunidade da Maré.

Através destas simples perguntas, pude comprovar que meus alunos estão engajados em ações sociais e que praticam ativamente a cidadania dentro e fora da escola.

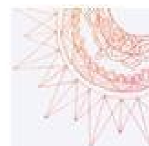
Fico feliz em levar ao conhecimento de meus alunos trabalhos sociais como do cantor Enrique Iglesias, que enriquecem as aulas de espanhol.
Também foi criado um grupo de teatro, que fará um curta-metragem para concursos de curtas e o grupo participará do Festival de Teatro da Maré.



Lançamento da “Antologia Poética Wolny 2017”

No ano de 2017, os alunos e educadores da E.E."Professor Wolny de Carvalho Ramos", escola localizada na zona leste da cidade de São Paulo, publicaram a 7º Antologia Poética da instituição. O resultado do trabalho pode ser conferido no endereço virtual indicado na imagem correspondente.

Antologia
Wolny 2017





Valeu a pena?
Lá, muito distante no tempo,
um sonho foi cuidadosamente
traçado e executado.
Agora, a memória, sempre atenta,
nostálgica e plena do que foi,
relembra cada degrau,
cada tropeço e, principalmente,
um turbilhão de emoções vividas.
Os sonhos e anseios se
concretizaram.
Alegrias e tristezas se misturaram.
Como dizia o poeta:
“Tudo vale a pena
se a alma não é pequena”.

Míriam Ramirez
(texto da contracapa)



www.issuu.com/antologiawolny/
docs/antologiawolny2017

https://issuu.com/antologiawolny/docs/antologiawolny2017

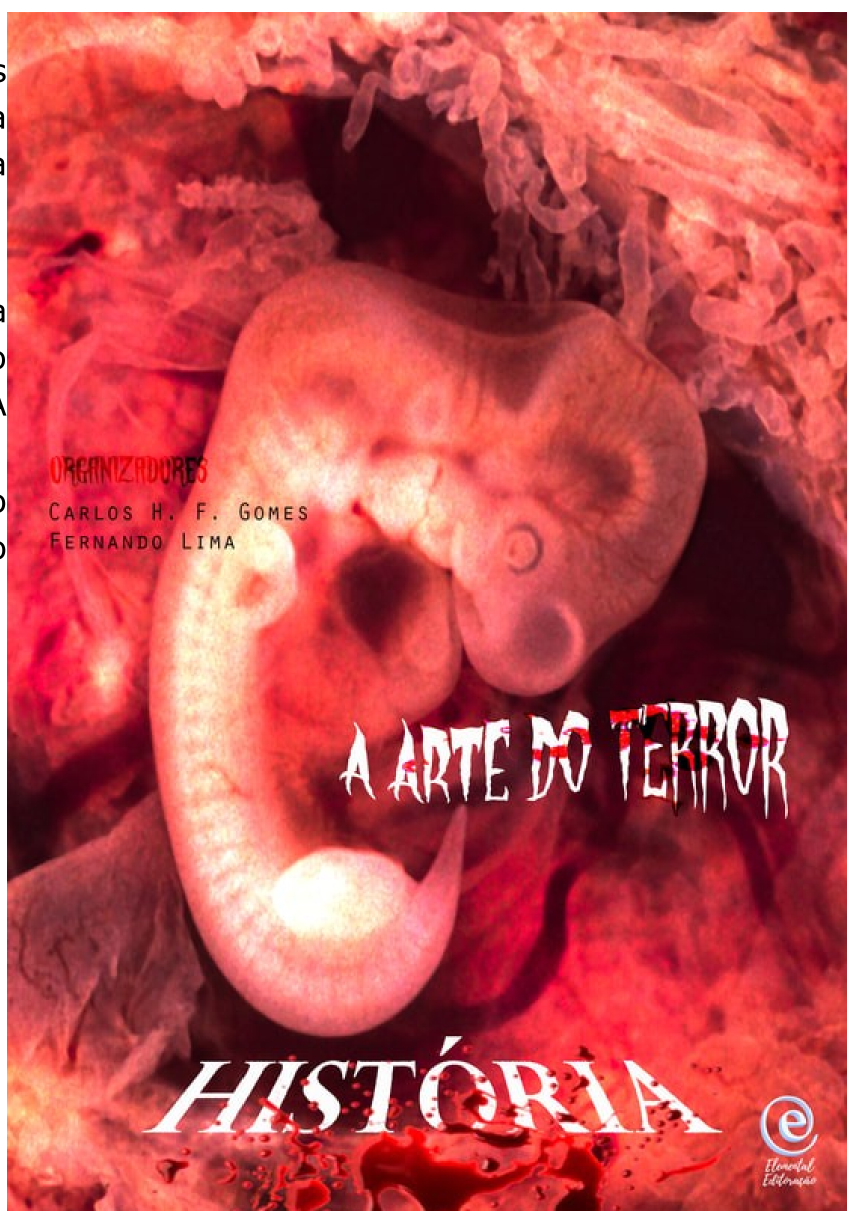
Lançamento da Coletânea “A Arte do Terror – História”

Uma coletânea onde vários autores contam a história do mundo como ela realmente foi:

Aterrorizante!!!

Uma coletânea com a qualidade e o capricho do nosso parceiro o "Projeto A Arte do Terror".

Baixem gratuitamente no link abaixo e saiba como comprar a versão impressa.



https://aartedoterror.weebly.com/

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/



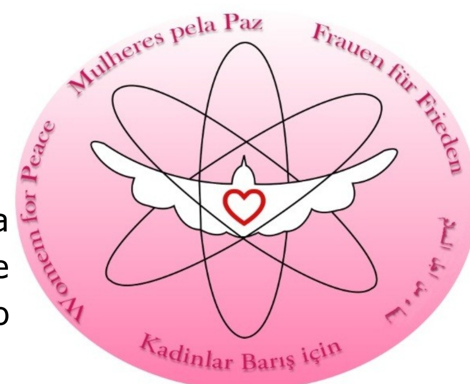


"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/

Mulheres Pela Paz

Frauen für Frieden



Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-456642538000869/





"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portifólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Elemental Editoração

Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.



Leia e baixe gratuitamente e-books com coletâneas de vários autores.

https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm



Não deixe de participar da edição de janeiro!!!

O prazo para envio é até 15/12

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

Os textos enviados fora do prazo serão reservados para edições futuras.



http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://pt-br.facebook.com/RevistaLiteraLivre/